Ficha Técnica

tipo de entrevista: temática
levantamento de dados: Equipe
pesquisa e elaboração do roteiro: Equipe
técnico de gravação: Clodomir Oliveira Gomes
data: 29/09/1976
duração: 2h 30min
fitas cassete: 02
páginas: 78

Entrevista realizada no contexto do projeto "História da ciência no Brasil", desenvolvido entre 1975 e 1978 e coordenado por Simon Schwartzman. O projeto resultou em 77 entrevistas com cientistas brasileiros de várias gerações, sobre sua vida profissional, a natureza da atividade científica, o ambiente científico e cultural no país e a importância e as dificuldades do trabalho científico no Brasil e no mundo. Informações sobre as entrevistas foram publicadas no catálogo "História da ciência no Brasil: acervo de depoimentos / CPDOC." Apresentação de Simon Schwartzman (Rio de Janeiro, Finep, 1984).

temas: Atividade científica, Biologia, Bioquímica, Carlos Chagas Filho, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, Desenvolvimento científico e tecnológico, Educação, Estados Unidos, Faculdade Nacional de Medicina, Formação acadêmica, Fundação Rockefeller, Guilherme Guinle, História da ciência, Inglaterra, Instituições científicas, Instituto de Biofísica Carlos Chagas, Intercâmbio científico e tecnológico, Juan Carlos Ongania, Nacionalismo, Pesquisa científica e tecnológica, Política científica e tecnológica, Roberto Freire, Subdesenvolvimento, Universidade Federal do Rio de Janeiro

Sumário

Entrevista: 29.09.1976

O surgimento de idéias e a troca de conhecimento a partir de conversas informais: o grupo de amigos com os quais o entrevistado se relaciona e discute temas profissionais e pessoais; considerações sobre o ensino: divergência com os colegas, posição de Moura Gonçalves; semelhanças pessoais e profissionais entre os membros do grupo do entrevistado; as relações do entrevistado com a comunidade de biofísicos: troca de correspondências no Brasil e no exterior, a Sociedade Brasileira de Genética; a dificuldade de se trabalhar com ciência em um país subdesenvolvido; a necessidade de se trazer cientistas de fora do Brasil, principalmente dos Estados Unidos e Inglaterra; a formação do entrevistado na Faculdade de Medicina, como um dos *Chagas's boys;* a escolha pelo curso de medicina; o interesse pela biofísica e a falta de didática nessa disciplina no curso de medicina; uma definição de biofísica; semelhanças e diferenças entre biofísica e bioquímica; a falta de interesse dos alunos de medicina por biofísica; a concepção profissionalizante da Faculdade de Medicina; a introdução da pesquisa na área medica por Carlos Chagas; as aulas de biofísica com Moura Gonçalves e o convite para trabalhar no laboratório de biofísica; primeiro contato e aprendizados com Carlos Chagas; a relação do entrevistado com as outras disciplinas do curso de medicina; experiência clínica no Hospital Moncorvo Filho, durante a faculdade, onde trabalhou com Kaplan e Luiz Capriglione; comentários sobre Luiz Capriglione; os laboratórios que formavam o Instituto de Biofísica e a baixa proporção de alunos nestes; menção ao Clube dos Estudantes; o curso de métodos físicos organizado por Carlos Chagas; o contato com os estrangeiros trazidos por Chagas; a liberdade em se escolher e desenvolver o projeto de pesquisa; a questão do financiamento de pesquisa: menção a empresas que contribuíram, destacando-se a importância do Instituto Rockefeller, e o auxílio financeiro de Guilherme Guinle; perfil dos estrangeiros que vinham ao Instituto e processo de escolha destes; a situação do entrevistado no laboratório após sua formação, recebendo pela chamada "verba 3"; a diferença das condições entre o entrevistado e os colegas que seguiram carreira médica; a pós-graduação em Londres; comentários acerca do incentivo de Carlos Chagas à ida de seus alunos para o estrangeiro; questões sobre a ida de estudantes brasileiros para fora do país: o tempo ideal, o choque da volta, as facilidades do trabalho fora do Brasil; os problemas de delimitar o tempo de uma pesquisa; a decisão do entrevistado de ficar no Brasil; a relação da origem do entrevistado com a sua responsabilidade como cientista; a importância da universidade para o país; a concepção do entrevistado acerca do que é ser cientista; comentários sobre Arthur Kornberg: estudos e obras; a relação entre ciência e sociedade; menção ao Grupo da Ciência para o Povo, de Boston, como exemplo de verdadeiros cientistas; menção a Rosane Franklin; a diferença entre fazer ciência no Brasil e em países desenvolvidos:os exemplos dos estudos sobre o câncer e a esquistossomose; a importância do estudo no exterior para o aprendizado de resolução de problemas científicos e não para a delimitação do objeto de estudo; a definição do trabalho do entrevistado como "fisiologia celular"; o custo da pesquisa no Brasil; o baixo custo das pesquisas do entrevistado e a relevância social destas; a necessidade de se determinar linhas prioritárias de pesquisa nas agências financiadoras; descrição do campo de genética de micro-organismos no Brasil; o caso dos dois prêmio Nobel da Argentina: Bernardo Houssay e Luis Frederico Leloir; a importância da Fundação Campomar; comentários sobre a pesquisa de Leloir e seu posterior reconhecimento; menção do entrevistador ao envolvimento de Houssay no governo ditatorial de Juan Carlos Onganía Carballo; menção ao Instituto de Física Teórica, de São Paulo; formação dos alunos que trabalham no Instituto de Biofísica; menção as dificuldades de ser cientista no final da década de cinqüenta e a necessidade de aceitar qualquer estudante no Instituto, durante o período; comparação entre os alunos de medicina e os de outros cursos; a área acadêmica

como única opção dos cientistas formados pelo Instituto de Biofísica; a falta de pesquisa na industria brasileira; comentário sobre a vinda de estudantes de outros países ao Instituto; a dificuldade de importação de material necessário em algumas pesquisas; a compra de materiais sem que sua necessidade tenha surgido: o "fetichismo do equipamento"; comentários sobre o microscópio eletrônico e a formação do laboratório do Jardim Botânico; comentários sobre a aplicação do conhecimento no meio ambiente e o nacionalismo de Carlos Chagas; a relação com o Hospital Moncorvo Filho: pesquisas na área clínica, a necessidade de contribuição direta com a comunidade; o papel centralizador de Carlos Chagas no Instituto de Biofísica e o funcionamento do Instituto após saída de Chagas; a estrutura e o funcionamento do Instituto de Biofísica; o papel das agências financiadoras no desenvolvimento da pesquisa; comparação entre os alunos que entram no Instituto hoje com os que entravam antes; comentários sobre o trabalho da área técnica dentro do laboratório; relação do Instituto com a Universidade.

Fundação Getulio Vargas
Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC)

Projeto: História da Ciência
Entrevistado: Darcy Fontoura de Almeida
Local: Rio de Janeiro - RJ
Entrevistadores:
Transcrição: Maria Izabel Cruz Bitar
Data da transcrição: 09 de agosto de 2009

1ª Entrevista: 29 de setembro de 1976

D.A. – ...ambiente que você trabalha. Daí surgem ideias muitas vezes, não é? Quer ver? Um dos trabalhos... Eu acho que um dos trabalhos interessantes que eu fiz surgiu de um bate papo naquele pátio da Praia Vermelha. "Vamos tomar um café?" "Vamos." E aí, tomamos o café, ficamos ali debaixo das árvores conversando, eu com mais outros colegas, colegas de trabalho, de todo dia... De clube, também. Tinha um clube, que o Roberto Freire, aliás, catalisava muito bem. Esse Roberto Freire analista. Eu não sei se você conhece o Roberto Freire.

Entrevistadora 1 – O escritor?

D.A. – Escritor, teatrólogo...

Entrevistador 1 – Ah, sei, o do Cléo e *Daniel*.[1]

D.A. – Isso. É um grande amigo meu e foi da biofísica, também. As pessoas que foram da biofísica é uma coisa incrível, não é?

Entrevistador 2 – Agora, esse grupo de cinco são cinco pessoas que se formaram juntas e estão juntas até hoje?

[1] O entrevistado refere-se ao livro *Cléo e Daniel*, de Roberto Freire.

D.A. – Não, não, absolutamente. Aliás, são quatro da biofísica e um da farmacologia. Não. Não necessariamente. Aliás, de turmas bem diferentes: um veio de Manguinhos; um é da farmacologia; o outro veio de Campos...

Entrevistador 2 – E o que une esse pessoal?

D.A. – Não sei. Uma certa afinidade imponderável, não é? Você não pode...

Entrevistador 2 – Mas ela é pessoal? Ou é profissional? Ou...?

D.A. – É profissional e pessoal ao mesmo tempo. Existe uma certa afinidade de ponto de vista, eu acho. A gente diverge, discute muito, é claro, mas quando você discute no aspecto profissional, você tem uma aproximação pessoal que permite que você discuta aquela coisa e possa entrar em conflito com ela amigavelmente. Não é aquela coisa que você vai investir como se fosse o seu pior inimigo. É um negócio de amizade.

Entrevistador 2 – Mas é necessário que haja uma espécie de formação, um tipo de educação parecida, para você poder conversar em termos proporcionais.

D.A. – É, no mínimo. Não, parecida não. Eu acho diferente. Eu acho que tem que ter um mínimo, uma base a partir da qual você possa conversar. Quer dizer, as coisas básicas são tácitas. A partir daí, você pode divergir. Um dia, na biofísica... Isso é uma outra história. São historinhas que aparecem. A gente estava na secretaria da biofísica e começou-se... Também é uma história não planejada. Começou-se a se discutir o ensino, e aí... A gente estava, naquela época... A gente está sempre nessa época de querer fazer alguma coisa diferente no ensino: o que está errado, o que não está etc., enfim, fazer uma experimentação. É uma deformação profissional: o sujeito quer sempre experimentar alguma coisa. E estava se discutindo isso quando entrou um ilustre personagem – aliás, hoje, é uma das figuras mais importantes no núcleo da administração científica no país – e saiu-se com a seguinte declaração: "Eu acho que, em matéria de ensino, quem tinha razão era o Moura Gonçalves[2]". Isso era uma coisa de 1940 e poucos – o Moura Gonçalves é um dos primeiros colaboradores do Chagas[3] um dos principais. Ele disse: "Quem tinha razão era o Moura Gonçalves, o professor vai na aula e dá a aula, o

[2] O entrevistado refere-se ao professor José de Moura Gonçalves.
[3] Refere-se ao professor Carlos Chagas Filho.

aluno vai para casa e estuda”. Então, nesse momento, é tal história que você diz, acabou a discussão. O sujeito diz uma coisa dessas, você não tem o que discutir com ele. Quer dizer, é como se ele falasse uma língua diferente. A sensação que você tem é assim: “Esse cara está falando em grego e eu estou falando em latim”. Não vai dar jeito, não é? Como é que eu vou conversar com esse sujeito? Quer dizer, os pressupostos básicos não existiam, então, como é que eu vou partir para discutir com esse cara a noção de o que seja ensino, de o que seja aprendizado?! Não dá.

Entrevistador 2 – Mas essas coisas tácitas, ou básicas, dá para você especificar um pouco quais seriam?

D.A. – Eu vou dizer em termos concretos, digamos. Porque abstrações...

Entrevistador 2 – Não, é em concreto mesmo.

D.A. – São indivíduos, primeiro, que têm, não declaradamente, não pessoalmente declarado, mas, ostensivamente, uma atividade muito produtiva. Quer dizer, são sujeitos que estão atuando com proficiência. É engraçado isso. É um caráter comum. Segundo, são pessoas que estão muito... são engajadas. São pessoas engajadas. A terceira coisa que eu diria, embora isso não tenha sido organizado dessa maneira, mas eu diria que são pessoas que têm outros interesses além da ciência, quer dizer, além do interesse profissional puro. Então, são pessoas que levam o seu discernimento além da área de atuação cotidiana. Isso eu acho muito importante. Por isso é interessante, a gente discute tudo.

Entrevistadora 1 – Mas isso interfere na discussão profissional?

D.A. – Ah, isso entra a todo o momento. Claro que sim. É muito importante. Isso entra. Não, eu estou falando em termos dessa reunião que nós fazemos, desse pequeno clube. Inclusive, é muito engraçado, porque nós somos muito preconceituosos: não se admite a entrada de mais gente. [riso] Tem muita seleção e muito cuidado. Não pode entrar muita gente. Tem mais um que vai entrar agora que está nos Estados Unidos, mas esse é membro nato. E uma faixa etária, também, em torno de 35 a 40 anos, por aí, um pouco mais ou um pouco menos.

Entrevistador 2 – Mas você diria que esse grupo é o seu grupo de referência profissional, esse grupo ao qual você pertence profissionalmente?

D.A. – Dentro do Instituto de Biofísica, sem dúvida. É o grupo com quem eu debato as minhas dúvidas. Dúvidas maiores que eu digo. Não é dúvida do meu trabalho de pesquisa em si, como uma interpretação de um dado ou qual rumo eu devo dar à minha pesquisa, mas são dúvidas maiores, assim: o que esse trabalho significa, a minha visão...

Entrevistador 2 – E essa dúvida mais específica sobre o trabalho ou sobre a questão...?

D.A. – Não tem com quem falar.

Entrevistador 2 – Nem com quem se corresponder ou trocar ideias?

D.A. – Corresponder, eu tenho. É por isso que eu [**inaudível**] disso.

Entrevistador 2 – No Brasil ou fora?

D.A. – No Brasil e fora. Mais fora do que no Brasil. Mas é por isso que eu faço questão de ir todo ano à Sociedade Brasileira de Genética [SBG], porque lá eu encontro as pessoas com quem eu posso conversar um pouco e discutir alguma coisa do que eu estou fazendo, contar o que eu estou fazendo, se me perguntam coisas. Isso é fundamental para mim, porque é o único... Agora, devo dizer que é muito pobre, é muito pouco: uma vez por ano, você vai a uma reunião e encontra aquelas pessoas para bater papo. Eventualmente, eu encontro com eles, bem informalmente. Às vezes, por acaso. Raramente. Ou então, fora. Fora é ótimo. Aí realmente é bom.
E eu acho que você tocou em um ponto fundamental. Aliás, eu não falei disso, do *handicap* que é a gente trabalhar em um país subdesenvolvido, na expressão mais **rígida** da palavra. Você chega aqui e o que acontece? Você não tem com quem trocar ideias, você não tem com quem discutir. É bom aparecer alguém que critique isso aqui e procure demolir o seu trabalho. Isso eu acho fundamental, uma pessoa que chegue e diga: “Está tudo errado! Não é nada disso!”, e dá uma interpretação inteiramente diversa. Porque isso te estimula, não é? Você aí é obrigado a reformular os seus pontos de vista. Você sai da sua bitola, de alguma maneira. Por isso que é bom ter uma pessoa de outro campo, eu acho. O enfoque...

Entrevistador 2 – Mas a pessoa de outro campo não entende muito do que você está fazendo.
D.A. – Não. Mas é a tal história, me complementa. Ela olha por outro lado, examina a coisa sob um ângulo diferente, então, vê coisas que eu não vejo. Quer dizer, me dá o aspecto em terceira dimensão do meu problema, digamos. Então, o que eu faço? Eu procuro trazer gente de fora.

Entrevistadora 1 – De fora que você diz é o quê?

D.A. – Do estrangeiro.

Entrevistadora 1 – França? Estados Unidos?

D.A. – Basicamente, Estados Unidos. Estados Unidos porque é a maior potência, mesmo, e um pouco da Inglaterra, porque eu acho que... eu diria que eu gosto da Inglaterra.

Entrevistador 2 – Você estudou na Inglaterra?

D.A. – Estudei.

Entrevistador 2 – Dá uma ideia de como foi a sua formação aqui no Brasil: com quem, onde.

D.A. – Aqui no Brasil, eu sou aquilo que a gente chamava um dos *Chagas's boys*. Sem dúvida, eu fui formado pelo Chagas. Sem dúvida nenhuma.

Entrevistador 2 – Na universidade? Na Faculdade de Medicina?

D.A. – Desde o início. Eu comecei a trabalhar no fim do primeiro ano da universidade. Porque eu já entrei com uma ideia de... Eu não tive orientação nenhuma, a verdade é essa. No início, não é? Por que eu fui parar lá? Realmente, foi um negócio quase que intuitivo.

Entrevistador 2 – Lá aonde?

D.A. – Lá na universidade. Eu, no científico, fiquei em dúvida, até o último momento, entre química e medicina, e decidi isso na praia do Flamengo. Naquela época, ainda existia a praia do

Flamengo. Eu morava no Catete, então, eu ia à praia do Flamengo, para a gente conversar. Então, uma noite, chegamos à conclusão de que tinha que se escrever... O dia seguinte era o último dia. Então, eu tinha que decidir: “Eu vou fazer química ou medicina?”. Eu cheguei a esse ponto. Aí, achei que, em química, as perspectivas de trabalho eram muito mais limitadas e que eu ia... Naquela época, provavelmente, eu ia terminar, profissionalmente, como um empregado da Standard Oil ou qualquer coisa assim, tal era estreita a faixa de mercado em química.

Entrevistador 1 – Isso foi quando?

D.A. – Foi em 1950... Em 1949. Então, eu achava que as possibilidades eram muito reduzidas, então, optei por medicina. Porque, em medicina, eu achava que havia muito maiores possibilidades, quer dizer, o número de disciplinas em que se desdobrava a coisa era muito maior. E eu acho que eu estava certo, sabe? Eu não me arrependo disso, não. Porque todo o aspecto de biologia, da coisa viva me atrai muito. Aí, entrei para medicina. E imediatamente constatei que médico eu não seria nunca, muito menos cirurgião. Essas coisas que têm a ver com anatomia, isso eu acho ridículo, então eu deixava de lado, e comecei a gostar muito mais de biofísica, uma cadeira... E era engraçado, porque era uma cadeira muito desprezada. Porque era muito mal dada. Era pessimamente... Didaticamente era zero. Os professores eram horríveis, não se interessavam por aquilo, porque eles já estavam lá para fazer pesquisa. O que era um erro, não é? Um erro porque o processo de aliciamento inclui um regime didático de boa categoria, senão você não consegue ter alunos. Como é que você pode fazer escola se você não tem uma escola?
Então eu entrei. E fui um excelente aluno em biofísica, simplesmente porque eu não estudava mais nada. Era anatomia, histologia e biofísica, e anatomia realmente era apavorante.

Entrevistador 2 – Descreve um pouco o conteúdo da biofísica.

D.A. – Biofísica, na realidade, é como qualquer disciplina: cada vez mais as disciplinas básicas não têm fronteiras. “Me diga o que é bioquímica.” Eu não vou saber dizer. “Me diga o que é biologia molecular, ou o que é biofísica.” Então eu vou dar uma definição que vai cobrir desde microbiologia até... [*riso*] É verdade. Pega tudo. Então, para dar uma ideia, estuda os fenômenos físicos e químicos ligados à matéria viva. É isso. Todos os fenômenos que se processam nas células e nos organismos vivos e que possam ter uma explicação com base em fenômenos físicos e químicos ou físico-químicos. É isso.

Entrevistador 1 – Quer dizer, a bioquímica e a biofísica são bem próximas?

D.A. – Muito próximas. Mas eu acho que naquela época existia ainda uma certa separação. Porque bioquímica, você poderia caracterizar muito bem como um estudo dos mecanismos eminentemente característicos da matéria viva, organizada como tal, que se passam nas células, nos tecidos etc. Ao passo que a biofísica, não necessariamente. A concepção inglesa, por exemplo, trata de biofísica como uma coisa muito mais fria e muito mais estática, digamos, em que a parte física funciona muito mais. Por exemplo, difração de raios X, um método que é eminentemente biofísico que foi muito desenvolvido pela escola inglesa e que é um método caracteristicamente biofísico. Métodos elétricos. Métodos elétricos fisiológicos são métodos biofísicos. É esse tipo de coisa.

Mas a biofísica que a gente estudava aqui era uma biofísica... Na realidade, era uma físico-química biológica. São nomes que você pode usar como quiser. Você joga para lá, joga para cá: biofísica, ou química biológica, bioquímica... Enfim, você... Isso é muito bom para escrever [**inaudível**], porque você faz um intercâmbio enorme com essas expressões e funciona muito bem. [riso]

Agora, o que a gente estudava naquela época era o seguinte: começava com composição elementar da matéria viva, o que constituía a matéria viva, quais são as substâncias mais importantes, as características moleculares, os grandes grupos químicos – químicos, está vendo? – e bioquímicos. Na realidade, você estudava isso. Depois estudava teoria das soluções, quer dizer, como é que funcionam as substâncias dissolvidas em uma outra, em que isso altera o comportamento delas, as suas propriedades. Isso já com vistas ao estudo da matéria viva, que, na realidade, é uma grande solução, não é? É uma gigantesca solução. Esse tipo de coisa. Depois, fenômenos básicos que implicam na regulação do funcionamento do organismo como um todo, como, por exemplo, a regulação do pH do sangue, a regulação da circulação, a regulação da respiração, a troca de gases nos pulmões. Esse tipo de coisa, compreende? Eu acho melhor dizer as coisas que enfoca, porque aí fica mais fácil. Bases fisiológicas do funcionamento do sistema nervoso. Mas não o estudo do sistema nervoso, onde é que fica tal órgão, mas o que está por baixo do funcionamento daquele tecido.

Entrevistador 2 – O pessoal mais interessado em se formar como médico tinha interesse também nessas matérias?

D.A. – Nenhum.

Entrevistador 2 – Nenhum, não é?

D.A. – Nenhum. Zero. É por isso que eu digo, eu não sei se eu fui um excelente aluno porque eu gostava ou se porque os outros não gostavam.

Entrevistador 2 – Mas não é meio incongruente uma escola de medicina ter esse tipo de curso? A minha pergunta é o seguinte, o fato de ser uma escola profissional não prejudica o desenvolvimento do estudante com isso?

D.A. – Depende da concepção que você tenha da escola de medicina. Se a concepção que você tem de uma escola de medicina for eminentemente vocacional, profissional, então, realmente, estritamente falando, não tem sentido isso. Mas aí você tem que separar as coisas: você tem que ter uma escola que é profissional, para fazer médico descalço ou qualquer coisa desse tipo, ou médico de disciplina clássica, ou médico de três anos ou o que você quiser chamar, tem essas várias denominações, ou então... E aí você tem que ter uma escola... Aí você tem que ter uma outra coisa, que, no meu entender, devia ter mesmo, que é uma Faculdade de Ciências Biológicas, uma Faculdade de Ciências.

Entrevistador 2 – Mas qual era a concepção da Faculdade de Medicina quando você entrou? Ela era mais profissional? Ou era mais científica?

D.A. – Não, absolutamente profissional. A noção de atividade científica mesmo, em uma faculdade, foi introduzida pelo Chagas, sem dúvida nenhuma.

Entrevistador 2 – Mas era um corpo estranho.

D.A. – Um corpo estranho e um movimento, uma ideia que ele teve que levar avante com muita dificuldade. Ele encontrou muita resistência. Os professores não acreditavam nisso. “Que negócio é esse?” Isso é verdade.

Entrevistadora 1 – Ele conta uma história de um ministro que disse para ele, quando abriu o concurso para fisiologia, que ele devia deixar a cátedra de... Nesse tempo, chamava física biológica, não é? Porque não tinha futuro de passar para os outros.

D.A. – Era, realmente, uma concepção inteiramente... Até recentemente. Você encontra ainda esses sarcófagos ambulantes que continuam dizendo que não tem nada a ver, que isso é besteira etc. E às vezes, em cargo de direção. "Que bobagem esse negócio! Vocês estão querendo complicar tudo. Para que isso tudo?" É verdade. Eu escuto isso todo dia. Eu ouço coisas as mais extraordinárias.

Entrevistador 2 – Vamos continuar com a historinha. Você entrou lá e...

D.A. – Aí, realmente, eu adorei aquilo e fiquei lendo aquilo. Eu lia aquilo o dia inteiro. Na verdade, porque eu tinha um livro que a cadeira adotava e que eu comprei de segunda mão. Li aquele livro inteiro, a verdade foi essa. Eu não fiz mais nada a não ser ler aquele livro, o ano inteiro. E o que acontecia era o seguinte, eu lia adiante da matéria. Quando eu ia para a aula, eu já tinha lido aquilo tudo. Você vê a que ponto que eu estudava. Eu não estudava mais nada, não é?

Entrevistador 2 – O Chagas dava aula nessa época?

D.A. – Dava.

Entrevistador 2 – Ele que era o professor?

D.A. – Era. Mas, no primeiro semestre, ele estava fora, em uma viagem etc., então, o professor era o Moura Gonçalves. Era o regente, o Moura Gonçalves.

Entrevistadora 1 – No velho estilo, não é?

D.A. – É.

Entrevistadora 1 – Mas era um pesquisador.

D.A. – Era um pesquisador. Eu trabalhei com ele inclusive, logo no início. Realmente, um pesquisador excelente. E eu frequentava todas as aulas etc. E os meus colegas, ao contrário: eles... Evidentemente, era uma batalha pelo... a batalha pelo cadáver. Enquanto eu ficava sozinho. Ninguém queria saber daquilo. Era muito cômodo inclusive. Eu não tinha competição nenhuma. O primeiro semestre foi com o Moura Gonçalves, e aí ocorreu uma série de coisas... Foi fácil verificar que eu me interessava por aquilo. Depois, no segundo semestre, o Chagas chegou. E eu inclusive era meio caxias, porque eu ia para a aula, taquigrafava a aula inteira... Eu era taquígrafo, não é? Eu taquigrafava a aula, chegava em casa e tinha a pachorra de traduzir aquilo tudo para o caderno. E eu fiquei sendo uma espécie de referência na aula. O Chagas perguntava: “Como é que é esse negócio?”, e eu sabia, porque eu tinha um caderno com tudo lá.

[INTERRUPÇÃO DE GRAVAÇÃO]

D.A. – ...que era uma cadeira desdenhada, e eu gostei daquele negócio, achei muito interessante. Tinha uma certa lógica, não é? Aí, no final do curso, o Moura Gonçalves me convidou para trabalhar lá. Foi o Moura Gonçalves que me convidou. Não foi o Chagas. Isso é muito engraçado. E ele me apresentou ao Chagas. Ele me levou lá e me apresentou ao Chagas, dizendo que eu gostaria de ficar lá. E o Chagas me aceitou. E ele fez um período probatório, coisa que eu adoto até hoje com os meus estudantes.

Duas coisas que ele me ensinou nesse primeiro dia, que ele me disse e que eu nunca mais esqueci. Você vê, ele realmente é um cara que tem uma percepção exata daquilo que tem que fazer um chefe de equipe. Ele me disse duas coisas. No primeiro dia, ele me disse o seguinte: “Olha, você vai ficar conosco, uns dois ou três meses, num período probatório, para ver se você gosta realmente do que a gente faz e para ver se nós gostamos de você”. Eu achei um negócio da maior... É um negócio perfeito, não é? Não pode ser... E eu repito isso para os estudantes que chegam no meu laboratório. E eu repito exatamente com essas palavras, porque eu acho isso definitivo. Não pode haver um negócio mais bem colocado, não é? Inteiramente à disposição, de parte a parte. “Daqui a três meses a gente avalia se você está gostando, se é isso mesmo que você quer fazer. ‘Olha, eu não estou gostando de você, não dá pé, vai procurar outro lugar’.” Eu acho... Evita muita complicação que depois acontece – você ir perpetuando uma situação instável, indesejável, que você não consegue cortar logo –, e você tem uma saída ótima.

E a segunda coisa foi que, depois desse período, ele disse: “Bom, está legal, então, você vai continuar etc. Agora, tem uma outra coisa, eu vou pedir uma bolsa para você, porque eu não acredito em trabalho que não seja pago”. Isso é uma outra muito importante que ele disse. Ele

disse duas coisas fundamentais logo de saída. O que me leva, por exemplo, a rejeitar o sujeito que faz uma oferta de fazer certo trabalho pagando pouco, ou o trabalho que eu acho que está mal pago. Então, eu acho isso noções fundamentais para a dignidade do trabalho. É fundamental.
Aí, continuei lá. Fiquei lá. Eu trabalhei com o Moura Gonçalves... Eu trabalhei com várias pessoas. Eu comecei com bioquímica... Eu também achei isso muito bom, fazer várias coisas. Eu trabalhei em bioquímica; depois trabalhei com o Hargreaves e o Frota Moreira, que agora é do CNPq; depois trabalhei com o Antônio Couceiro...

Entrevistador 2 – Cadê o Couceiro, por falar nisso?

D.A. – Está lá. Ele voltou para lá e está lá. Eu trabalhei com o Couceiro alguns anos; depois eu... Bom, aí eu me formei...

Entrevistadora 1 – Com relação às outras cadeiras, que estavam abandonadas...

D.A. – Quais?

Entrevistadora 1 – As outras cadeiras da faculdade.

D.A. – Mas acontece o seguinte, até o terceiro ano, eu me interessava muito. Até o terceiro ano, eu tive as cadeiras que eram indispensáveis para a minha formação. A formação, que você estava perguntando, para a minha formação, era indispensável ter fisiologia, microbiologia, patologia...

Entrevistadora 1 – E a parte clínica?

D.A. – Quando chegou a parte clínica, eu tinha uns colegas que me chamavam na hora da prova. Então, eu ia lá quando me avisavam. [riso] Então, eu ia fazer as provas. Em certas cadeiras, eu tinha que ir, não é? Essas coisas que estudante faz, falsificava a assinatura na presença... A gente fazia um grupo de uns quatro ou cinco e cada dia ia um e falsificava a dos outros, como todo mundo faz até hoje. Para poder fazer o que o sujeito queria realmente fazer, não é?

Entrevistador 2 – Você nunca pensou em exercer a medicina?

D.A. – Não. Quer dizer, eu pensei um pouquinho quando eu trabalhei no hospital, que é uma coisa fascinante, realmente, não tenha a menor dúvida. Mas o aspecto fascinante... Eu acho o hospital... O trabalho de clínica médica, por exemplo, eu acho uma coisa lindíssima. Agora, o que atrapalha é o doente. Realmente, o doente é uma coisa detestável. [risos] Agora, a clínica em si é lindíssima! O sujeito pegar e pesquisar um negócio... Eu não gosto de doente, realmente. O doente... Quando a minha mulher fica doente, eu fico irritadíssimo. Uma das coisas que me irrita é isso. Mas clínica, a clínica propedêutica, a pesquisa dos sinais e os sintomas, eu acho fabuloso! O sujeito usava aquela técnica... Eu conheci um médico, o **Kaplan**[4], que tinha uma técnica... O **Kaplan**, esse... Esse sujeito... Eu trabalhei no hospital. Quando era estudante, eu trabalhava com ele.

Entrevistador 1 – Ah, é?

D.A. – É. Eu frequentava o Moncorvo Filho, que na época era uma boa escola. E aí, o que aconteceu foi o seguinte, eu verifiquei esse cara trabalhando, e esse cara sabia semiologia, clinica propedêutica, a pesquisa – é trabalho da pesquisa, também – a pesquisa dos sinais, e era uma coisa fascinante. E eu ficava olhando para o sujeito... Quer dizer, o doente ali era irrelevante. O que me interessava era a resposta que ele ia obter do negócio. Era bonito mesmo aquilo. Eu achava isso muito bonito.

Entrevistador 1 – Ele não gosta muito de doente também, não é?

D.A. – Quem?

Entrevistador 1 – Ele. [risos]

D.A. – Não sei. Eu não o vejo há muitos anos. Eu não sei como é que ele se comporta em relação a isso. Eu não tenho a menor ideia. Mas eu sei que era um sujeito que me fascinava. É outra história da escola. Eu fui para o Moncorvo, e o Moncorvo... É uma coisa muito elitista, isso tudo, porque eu fui para o Moncorvo...

[4] O mais próximo do que foi possível ouvir.

Entrevistador 1 – O que é Moncorvo?

D.A. – O Moncorvo Filho é um hospital estadual onde funcionam clínicas da faculdade. Então, o Moncorvo era muito procurado. Na época, o professor de clínica médica era o Capriglione[5]. Já ouviu falar no Capriglione? O Capriglione era um excelente mestre. O Capriglione era um sujeito excelente, fabuloso! Então, você sabe como eles faziam? Havia uma procura muito grande. Os estudantes todos queriam ir para lá porque era uma equipe médica muito boa, então, *eles* selecionavam esses estudantes. O estudante ficava lá no terceiro ano. Então, quando chegava no final do ano, eles procuravam os estudantes do segundo ano que eram mais ou menos bons alunos, levavam para lá, preenchiam todas vagas e acabou.

E aí, tinha um colega nosso, que atualmente é cardiologista, que também trabalhava na biofísica, então ele me chamou para ir para lá, e eu fui para lá. Eu gostei muito, porque era um pessoal fabuloso. Valeu a pena. Está aí, valeu a pena isso. Eu gostei. Já que era obrigado a fazer, que eu fizesse em um lugar agradável. Mas o que acontece é que, no fim, eu acabei taquígrafo do Centro de Estudos, em vez de ser médico. [riso] Eu taquigrafava as seções clínicas ou patológicas lá, que eram, também, muito interessantes. Eu aprendi muita coisa assim. Eu ficava zanzando um pouco, batendo papo e tal, mas não estava muito ligado naquela história, não. Era agradável, porque tinha pessoas interessantes, que conversavam muito, que cumpriam lá o seu dever. Eu ficava no ambulatório. Era chatérrimo atender aquele... mil pessoas. Era uma espécie de mini INPS. É uma coisa fantástica isso. É tristíssimo. E sem remédio... É aquela velha história, você não tinha material, tinha que enganar... Uma coisa horrorosa. Eu detestava aquele negócio de ambulatório. Quando tinha que fazer aquilo, eu... Mas era obrigado, não é?

Também, acabou esse ciclo de clínica médica, eu larguei tudo para lá e parti, depois do quarto ano...

Entrevistadora 2 – E a biofísica continuava...

D.A. – Ah, todo dia. Todo dia. Eu só deixava de ir lá quando tinha prova ou alguma coisa assim, porque eu tinha que estudar. E era engraçado, porque nas férias era ao contrário. Nas férias é que eu trabalhava mais na biofísica, porque era o tempo para mim.

---

[5] Refere-se ao médico Luiz Capriglione.

Entrevistadora 2 – E já tinha várias pessoas trabalhando na área?

D.A. – Já. Já tinha vários laboratórios. Já tinha o laboratório da Hertha Meyer, que era o mais antigo; o laboratório do Aristides Leão; do Couceiro; do Moura Gonçalves; do Hargreaves. E eu acho que era só. E o do Chagas, o do próprio Chagas. Era isso, exatamente. Era muito pequeno.

Entrevistadora 2 – Como você, havia mais quantos?

D.A. – Estudantes?

Entrevistadora 2 – É, no laboratório.

D.A. – No meu laboratório, mais um.

Entrevistador 2 – Com o Chagas?

D.A. – Não, não. No instituto ou no meu laboratório? Quer dizer, o instituto era feito de cinco ou seis laboratórios.

Entrevistador 2 – No instituto do Chagas, dirigido pelo Chagas?

D.A. – É. Isso já era o Instituto de Biofísica. Já tinha sido criado. Foi criado em 1945.

Entrevistador 2 – Com todos esses laboratórios?

D.A. – Com todos esses laboratórios. Ele foi aos poucos adicionando laboratórios. E aí eu fiquei lá, treinando lá. Aí teve uma coisa muito importante lá.

Entrevistadora 2 – Mas quantos alunos tinha ao todo na época?

D.A. – Estudantes? Alunos? Muito poucos. Um dia eu fiz um cálculo desses. A média... Na Faculdade de Medicina, você tinha cerca de 300 alunos por turma e você tinha qualquer coisa como um a três estudantes por ano que iam para a biofísica. Às vezes, nenhum.

Entrevistadora 2 – Uma proporção baixíssima.

D.A. – Baixíssima. Era ridículo. Era menos de 1%, quando eu calculei. Era menos de 1% que ia procurar a biofísica para estágio. Não era nem pensando em ficar. Era para estágio. Era ridículo. Da minha turma, fomos dois. Na realidade, quando eu entrei, era eu sozinho. O outro estava na histologia e depois mudou para a biofísica, o Maurílio.

Entrevistadora 1 – O Maurílio Ribeiro?

D.A. – É. Ele começou na histologia, num cantinho lá, e depois veio para a biofísica. Quando eu entrei, da minha turma, eu fui o único. A minha turma era de mais de 300 alunos, e eu fui o único. Na turma anterior foi engraçado. Da turma anterior, havia um grupo grande: tinha o Caldas, esse que agora você me lembrou, o Caldas; o Roger Faure, que era anestesiologista em São Paulo; o Salomão Baruki, que é radiologista em Mato Grosso; o Aloysio Meirelles de Miranda, que é esse cardiologista de Manguinhos, um cardiologista clínico, quatro; e o Tavares Cavalcanti. Cinco. Quer dizer, excepcionalmente, cinco. Isso aconteceu. E o Helion Póvoa. O Helion Póvoa também era de lá. Seis. Então eram seis sujeitos que entraram e ficaram vários anos, que era o núcleo do nosso clube, do Clube dos Estudantes.
Agora, no processo de formação, teve muitas coisas que aconteceram muito importantes. Uma delas foi a seguinte, que não existe mais – nós até tentamos reviver isso, mas não houve jeito – eu tive um curso, um curso de métodos físicos aplicados à biologia e à medicina. Era um negócio muito bem feito, organizado por lá, pelo Chagas e pelos assistentes. E consistia no seguinte, numa série de técnicas básicas, absolutamente básicas, dadas rigorosamente pelos docentes de lá. Cada um dava as técnicas ligadas à sua especialidade: o Moura Gonçalves; o Hiss Martins Ferreira, que já trabalhava nessa época lá; a Aída Hassón já trabalhava; o Aristides... Cada um dava as técnicas, as coisas absolutamente essenciais naquele plano. Eu fiz esse curso dois anos. Era no verão. Então, aproveitavam o verão, janeiro e fevereiro, para dar esse curso para quem quisesse. Então, um dia eu fiz. Até há pouco tempo eu vi os papéis, as notas etc. Era realmente muito bem feito, o curso de métodos físicos. Então, eu aprendia coisas assim: como pesar, como medir a viscosidade, como medir o índice de refração, como fazer uma eletroforese, uma cromatografia, princípios básicos de ultrassonografia... Coisas banais. Banais não digo, mas básicas, fundamentais.

Entrevistador 2 – O ABC.

D.A. – O ABC mesmo. E os estudantes que chegam hoje no laboratório, por exemplo, não têm a mínima noção dessas coisas, que são muito importantes. O sujeito não sabe lidar com aquilo. Essas coisas são omitidas. Isso foi muito importante. Foi em 1951 e... por aí. Foi logo que eu entrei. Depois, no ano seguinte, teve outro, eu repeti. Porque aí, mudaram umas técnicas e eu repeti. Isso foi uma coisa.
A segunda coisa que eu achei muito importante foi o contato com os estrangeiros. Todo ano havia um festival de estrangeiros. Chegava julho, começava a encher. Julho, agosto, setembro... Entre julho e setembro, era um tal de chegar estrangeiro. Era um negócio anárquico, não é? Caótico. De repente, pintava um cara. “Chegou um cara aí. Vamos olhar a conferência.” Aí, você chegava lá, sentava, ouvia a conferência, sem saber o que era aquele troço. [risos] É verdade. É muito curioso.

Entrevistador 2 – Mas quem trazia? Era o Chagas?

D.A. – O Chagas trazia tudo, na base da amizade: cava daqui, onde pode... Teve um italiano que deu um dinheiro para ele, então: “Quem é que tem na Itália? Traz o fulano. Quem é que está disponível?”. Nessa base, não é? Não tinha o mínimo de organização, absolutamente. Mas, nisso tudo, foi acertando. Você vai acertando. Então, chegava aquela estrangeirada toda, um monte de gente, e toca a falar francês, a falar inglês. Eu, que não tinha aprendido língua nenhuma, então, toca a falar aquelas coisas horríveis. Havia conferências que eu não entendia absolutamente nada. Então, eu tinha que ir, nem que fosse para fazer número. Eu ficava olhando aqueles caras e eu não entendia nada. “O que esse cara está falando aí?” Você não sabia. Outros, não, era muito interessante, você entendia, seguia. Era uma experiência maravilhosa no curso. E isso dava... É a tal história, você tinha um cara falando num negócio ali, vindo de outras terras. Era um pouco, assim, de bororó, de ficar olhando o sujeito que chega mostrando as últimas invenções, não é?
E isso eu achei muito importante. Aí você estabelece contato com o sujeito, conversa, conhece o sujeito, fala, e vê um outro aspecto. E isso foi muito importante para o instituto também, porque... No processo de elaboração desse livrinho vermelho, eu constatei uma coisa muito curiosa, que foi o seguinte, é que todos, todos, a não ser a célula inicial, que é o laboratório do próprio Chagas, de Eletrofisiologia, todos os outros laboratórios, que são os atuais departamentos do instituto, os quatro grandes departamentos, todos os outros nasceram da visita de estrangeiros, invariavelmente. Todos, absolutamente todos. Não há exceção. É uma regra

absoluta. Todos. É incrível isso. E outra coisa: não só de visita estrangeira como da interação do estrangeiro com um sujeito muito moço. Isso é mais curioso ainda. Invariavelmente, um sujeito muito moço, em geral estudante.

Entrevistador 2 – Era nesse processo que se decidia, por exemplo, que linha de pesquisa que ia ser desenvolvida pelo laboratório?

D.A. – Não. Isso se decidia na cabeça de cada um. O Chagas, isso eu faço questão de frisar, o Chagas deu sempre a máxima liberdade a todos os seus colaboradores. Então o sujeito fazia, no seu laboratório, exatamente o que lhe passava pela cabeça, rigorosamente.

Entrevistador 2 – E recursos de pesquisa, havia?

D.A. – Recursos de pesquisa era aquela história que eu contei para a Maria Clara outro dia, era o Papai Noel Rockefeller e outras instituições que mandavam.

Entrevistadora 1 – E o Guilherme Guinle.

D.A. – O Guilherme Guinle foi... É, eu ainda peguei o Guilherme Guinle indo lá, com aquele colarinho duro etc., ele visitando o instituto. Ele ajudava. Ele ajudou muito. Quer dizer, eu não tinha muito a noção concreta disso porque isso se passava numa esfera que eu não frequentava na época.

Entrevistadora 1 – Parece que ele deu a mesma quantidade de dinheiro que a Fundação Rockefeller, me disse o **Jacques** outro dia.

D.A. – Será que deu tanto assim?

Entrevistadora 1 – É.

D.A. – Se foi isso, é uma quantia fantástica.

Entrevistadora 1 – A Rockefeller dá muito menos do que a gente pensa. Eram US$ 40 mil por ano, ele me disse.

D.A. – Mas a Rockefeller dava muito equipamento, não é?

Entrevistadora 1 – Mas disse ele que nunca ultrapassou de US$ 40 mil por ano.

D.A. – Realmente, nessa época, eu não transava...

Entrevistador 2 – Mas a Rockefeller, aparentemente, é que permitia a pesquisa mais independente, mais autônoma. Essa liberdade de pesquisa era graças ao financiamento da Rockefeller.

D.A. – Não. Era graças ao espírito do Chagas.

Entrevistador 2 – Sim. Mas, digamos, ter condições financeiras para isso, era a Rockefeller.

D.A. – Não financeiras, mas de instalações, digamos. As condições financeiras eram péssimas nessa época aliás. Até eu me formar...

Entrevistador 2 – Salários?

D.A. – Os salários, exatamente. Os vencimentos, os honorários do sujeito eram absolutamente irrisórios.

Entrevistadora 1 – E o [**inaudível**] disse que foi o Guilherme Guinle que suplementou, durante dez anos, os salários.

D.A. – O Guilherme Guinle dava muita bolsa. Exatamente, dava muita bolsa.

Entrevistadora 1 – Suplementava o salário e dava bolsas.

D.A. – Isso é verdade.

Entrevistadora 1 – E o Jockey Club deu muito dinheiro.

D.A. – O Jockey Club, houve uma época que deu. A Icomi[6] deu também, o Antunes[7]

Entrevistadora 1 – Essa história dos laboratórios, em um dos textos que eu li, ele diz o seguinte, que ele selecionava as pessoas que queriam vir para cá em função de terem um interesse já desenvolvido aqui. Você acha que isso é fato?

D.A. – Você está se referindo aos estrangeiros?

Entrevistadora 1 – É, que ele não aceitaria qualquer estrangeiro.

D.A. – Em alguns casos, sim.

Entrevistadora 1 – Quer dizer, ele procurava pessoas que estivessem interessados em linhas de pesquisa que já existiam aqui.

D.A. – De um modo geral, eu acho que ele tem razão. Nunca era um sujeito que falava, assim, uma coisa absurda. Às vezes acontecia, o sujeito falava alguma coisa que não tinha nada a ver com o que nós fazíamos. Isso poderia ocorrer. Mas não sei por quê. Às vezes, pode ser uma pessoa que ele nem tenha convidado e tenha aparecido. Essa coisa de cientista, que aparece em um lugar, "deixa eu fazer uma conferência aí?", e aí o sujeito deixa. Tem essas coisas. Isso acontece.

Entrevistadora 1 – É. Mas, provavelmente, ele estava se referindo às pessoas que ficavam mais tempo.

D.A. – Bom, essas que ficavam mais tempo, sem dúvida. Ah, sem dúvida. A revoada dos estrangeiros compreendia todo o tipo de pessoas, das que ficavam alguns dias até as que passavam três meses.

Entrevistadora 1 – E você começou como estagiário e ficou, durante todo o curso...

[6] Refere-se à Indústria e Comércio de Minérios.
[7] Refere-se ao empresário Augusto Trajano de Azevedo Antunes.

D.A. – Eu comecei como estagiário e fiquei todo o meu curso como estagiário, exatamente, até me formar.

Entrevistador 1 – E depois?

D.A. – Depois de formado, eu fiquei ainda, precariamente, um ano recebendo por uma verba três, a famosa verba três, que era uma alocação que tinha na reitoria, uma verba de recursos vários, aquela que pagava obras ou alguma coisa assim. Não era obra, porque obra tinha uma outra verba, a quatro, eu acho. Mas a verba três era um dos itens...

Entrevistadora 1 – Emergência?

D.A. – Eu não sei se era emergência, mas compreendia uma série de coisas.

Entrevistador 2 – [**Inaudível**].

D.A. – Pagamento de pessoal eventual, exato. Não tinha vínculo empregatício, não tinha nada. Era a coisa mais precária do mundo: contrato renovável anualmente... Era um pouco a CLT atual, mas sem nenhuma das vantagens, porque não tinha vantagem nenhuma. A única coisa que acontecia era que, no princípio do ano, o contrato nunca saía na época e você passava janeiro, fevereiro e março sem receber nada. Também tinha isso. Aí você ficava com dívida acumulada na rua... Comprar era terrível, não é? E, além disso, era muito baixo. Os salários eram muito baixos.

Entrevistador 2 – Mas isso não te colocava numa situação muito desvantajosa em relação aos colegas profissionais?

D.A. – Pois é, os meus colegas me criticaram muito. Eles disseram, quando eu me formei... Fica aquele negócio, chega no sexto ano, o que você vai fazer, o que não vai. Então, tinha aquela turma paulista que ia para Araçatuba e similares que ia ganhar rios de dinheiro nas suas fazendas etc. atendendo aquela população rural ou, sei lá, fazendeiro, o pessoal rural, fazendeiro de São Paulo, e realmente ficaram ricos. Dez anos depois de formados, chegaram com aqueles carros grandes – naquela época, ainda tinha carros grandes –, aqueles carros grandes, com a família, com as mulheres grandes também, todo mundo grande, não é? [risos] E chegaram ao

Rio de Janeiro para ver a faculdade, visitar etc. Realmente, muito prósperos, mas não invejáveis.

Entrevistadora 1 – Todos prósperos.

D.A. – É, mas não invejáveis.

Entrevistador 2 – E você não tinha inveja porque ia fazer esse tipo de ciência.

D.A. – Se eu tinha inveja deles?

Entrevistador 2 – Não tinha porque ia fazer ciência.

D.A. – Eu não tinha inveja porque eu estava fazendo o que eu queria. Absolutamente, eu estava muito satisfeito fazendo o que eu queria.

Entrevistadora 1 – Fosse ciência ou outra coisa qualquer.

D.A. – É, porque eu gostava. Eu estava curtindo aquela. Eu gostava daquilo, mesmo. Eu ficava lá o dia inteiro e não queria saber. Eu tinha prazer. Como eu tenho prazer até hoje. É uma satisfação muito grande você fazer aquilo que... Ainda mais nessa atmosfera. Isso é importante do Chagas, a atmosfera que ele propiciava. Aqui ao lado tinha um laboratório de bioquímica... Aliás, eu namorava a moça que era a monitora. Obviamente, eu tinha que namorar a moça do lado. Então, a moça... Parece filme americano esse troço. Então, ela era monitora de bioquímica. E eu me lembro que ela uma vez quis fazer um estágio no exterior para aprender umas técnicas – agora, veja que absurdo –, e ela foi, em segredo, pedir ao Chagas uma carta de recomendação porque o professor dela achava um absurdo ela... Veja a diferença de mentalidade. Isso mostra, também, que o Chagas é reconhecido como uma pessoa realmente atenta a esse tipo de movimentação, não é?
Com isso, fiquei. E aí fiquei muito precariamente. Depois de um ano e tal, eu fui para a Inglaterra. Então, passei... Eu fui fazer...

Entrevistador 2 – Na Inglaterra aonde?

D.A. – Em Londres, em uma escola de pós-graduação médica em Londres, o Hammersmith Hospital. Eu fui estudar citoquímica, que na época eu estava fazendo. E isso foi um negócio fundamental para mim. Foi muito importante. Também o Chagas. Você vê que o Chagas, realmente... Por mais que a gente critique... Eu faço muitas críticas a ele, você sabe disso, mas você tem que reconhecer. É uma coisa tão escandalosa, compreende? Você não pode achar... Seria da maior injustiça. Você vê quantas coisas eu já falei. Eu estou falando aqui, está até pegando mal, é um negócio chato, porque tudo é o Chagas. Mas é verdade, tudo era o Chagas, mesmo. Tudo era o Chagas. E ele fazia questão. Ele botava o sujeito literalmente de lá para fora: "Você tem que ir para o estrangeiro". Você vê que ele tinha na cabeça todo o processo de formação de um cientista, essa que é a verdade. Você vê, toda essa movimentação, a instituição de cursos, o estímulo que a gente tem, a liberdade, o intercâmbio, a importação de talentos, a contratação de gente daqui, uma instituição de novas linhas, novos aparelhos, novos equipamentos, procurar financiamento, mandar o cara para fora... Ele punha a gente lá para fora. Ele dizia: "Você tem que sair", como se fosse uma coisa de socorro urgente. E era mesmo. Então: "Você vai embora". O sujeito que passou lá todo o curso, já viu o que tinha que ver, ele dizia: "Você agora tem que ir para fora", para abrir. É verdade, tem que ficar fora. E eu inclusive... E outra coisa, a gente adota : "Tem que ser isso que você tem que fazer".

Entrevistador 2 – Você ficou quanto tempo lá fora?

D.A. – Bom, da primeira vez, fiquei um ano e meio; depois voltei... Aí, voltei e continuei a trabalhar aqui. Trabalhei mais uns três anos ou quatro anos aqui e depois voltei, fui de novo. Fui e voltei várias vezes.

Entrevistador 2 – Para a Inglaterra?

D.A. – Não. Aí fui à França e à Bélgica. Fiz um estágio na Bélgica. Em Bruxelas, tinha um sujeito lá muito importante, também, para o que eu fazia e fiz um estágio lá com ele. Depois, da outra vez, fui à Itália, mais tarde, também trabalhar com um sujeito que me interessava muito.

Entrevistadora 2 – Mas sempre por períodos curtos, um ano, um ano e meio, dois anos, não é?

D.A. – É. Eu fiquei sempre por períodos de cerca de um ano ou um ano e meio. Mas em geral as pessoas ficam dois anos. Eu acho que não é bom ficar muito tempo.

Entrevistador 2 – Você não teve o problema do choque da volta?

D.A. – É. Por isso, exatamente... Não é bom ficar muito, eu acho, porque... No máximo, três. Estourando, três. O ideal é dois anos. Dois anos eu acho o ideal para o sujeito ficar lá fora, porque senão tem o choque da volta, realmente. Ou então, fica lá. Ou então, você espera. Nós temos um caso agora, uma moça que, aliás, eu gosto muito dela, foi minha aluna... Foi um pouco, assim, minha descoberta. Eu tenho um pouco... Eu fico orgulhoso dela porque eu que descobri a moça, levei para o instituto... E ela foi minha assistente quando eu era professor em Volta Redonda, eu levei ela para lá... Enfim, ajudei ela de todas as maneiras possíveis. E ela foi para os Estados Unidos e já está lá há quatro anos, quase cinco. Ela recebeu uma oferta e está na Rockefeller, na Universidade Rockefeller. Agora eu soube, mês passado, que ela recebeu uma oferta para... um contrato de dois anos na própria Rockefeller, e ela aceitou. Quer dizer, sete anos. Acabou. Não volta mais. Não volta mais. Evidentemente que não volta mais. Ela está inteiramente desvinculada. Ela já tem outros interesses, já está pensando em ir para a Inglaterra para fazer não sei o quê. Quer dizer, entrou em uma outra esfera, não é? Está circulando em outra órbita. Não tem nada a ver mais. Ela esteve aqui esse ano, mas não... Você compreende? Já está cheia de dúvidas, já não quer mais, já disse que não dá... Acha que não dá. E, realmente, para ela, para o processo interior dela, talvez não dê mesmo. Eu tentei convencê-la, mas...

Entrevistadora 2 – Como é que você se inseriu, quando saiu? Você chegou para trabalhar com um professor? Que tipo de trabalho exatamente você fazia?

D.A. – Eu só fazia trabalho de pesquisa, em tempo integral, e mais nada.

Entrevistadora 2 – Acompanhava uma pesquisa...?

[FINAL DO ARQUIVO 1114_DARCY_DE_ALMEIDA_01a_29.09.1976]

D.A. – O sujeito te oferecia duas ou três opções para você escolher. Ou então, você vai para lá para investigar um determinado problema. Também ocorria isso.

Entrevistadora 1 – E um ano, um ano e meio era o tempo necessário para você completar a pesquisa?

D.A. – Não teoricamente. Em uma das vezes, eu fui para passar seis meses e acabei passando um ano. A gente sempre estende, não é? Isso é inevitável quase. É a rotina. Eu fui para passar seis meses e acabei passando um ano e pouco. Por mais seis meses, por mais um bocadinho... Porque é a tal história, é imprevisível, não é? A pesquisa é imprevisível. É a nossa grande crítica aos planejadores, porque não têm essa noção. O sujeito que está acostumado a lidar em termos de economia não está sabendo disso. É um parâmetro que ele ignora. Ele quer saber o seguinte: "Eu apliquei tanto hoje, o que isso vai render em termos de tempo, quantas pessoas, quantas unidades?". Não existe isso em ciência, quantas unidades. Não existe essa história. Então, é uma atividade *sui generis*, porque não se subordina a esse tipo de análise. Então você não pode dizer: "Eu vou fazer isso em seis meses". Então, têm as regras que você aprende no laboratório, que são um pouco supersticiosas, mas que funcionam na prática, que é o seguinte, eu sempre digo: "Você não diga que você vai completar isso em três meses", porque isso aí dá uma falta de sorte... Você acaba levando seis meses, em vez de três. Você nunca pode prefixar um tempo de uma pesquisa. Isso é impossível.

Entrevistadora 1 – Mas quando você saía do Brasil havia... Bem ou mal, tinha que ser feita uma certa previsão.

D.A. – É, certo. Pois então, você avançava o trabalho até onde fosse possível. Você fixava o tempo; não fixava o trabalho. Você não dizia: "Eu vou fazer tal trabalho em um ano". Se eu vou ficar um ano, vou ver o trabalho que eu faça. É diferente, não é?

Entrevistador 2 – Mas esse exemplo, você contou uma coisa angustiante, não é? Dessa moça que não volta mais, não dá pé aqui para ela porque o nível do trabalho que ela faz lá é muito superior ao daqui, ou é diferente?

D.A. – Não. É porque ela já se estruturou internamente de forma a não aceitar a nossa realidade. Isso, para ela...

Entrevistador 2 – Mas o que tem essa realidade que ela não vai aceitar?

D.A. – Ela não vai ter mais aquele fluxo de visitantes e de informação que ela tem na Rockefeller. Ela não vai ter mais a facilidade de trabalho que ela tem na Rockefeller. Ela não

vai ter mais aquela coisa imediata de projeção do trabalho dela, o reconhecimento e todas as gratificações em torno, e ela não vai viver mais em Nova York, que também é fundamental. Ela já se acostumou, desde o jornal...

Entrevistador 2 – E por que você não vai para Nova York?

D.A. – Ah, aí é outra coisa. Essa pergunta é bem mais complicada. Eu já pensei muito nisso, é claro, mas eu não vou para Nova York porque eu não quero ir para Nova York. Esse é outro aspecto: eu não faço questão nenhuma de ir. Eu quero ir, sim, passar dois ou três meses, é lógico. Eu também sou humano, não é?

Entrevistador 2 – Você teria todas essas vantagens que ela tem: viver em Nova York, ter o contato, outra projeção...

D.A. – É, mas acontece que eu sou brasileiro. Isso é uma coisa muito importante. Mas eu acho que eu sou um brasileiro diferente dela, porque... Sabe por que eu não vou para Nova York? Porque é o seguinte, uma das coisas que me fez pensar isso... Eu vou ver se eu consigo te transmitir o que eu acho. Eu pensei muito em viver em Londres, que eu gosto muito do que Nova York. Então, eu pensei: “Puxa, eu podia viver em Londres. É bacana e tal...”. Seria maravilhoso para mim, não é? É confortável, tem todas as facilidades, uma liberdade enorme, mas eu tenho que andar com o passaporte, que eu acho uma coisa muito desagradável. O passaporte brasileiro é grande.

Entrevistador 2 – Agora é pequenininho.

D.A. – Pois é. Mas naquela época era muito grande. Já me incomodava muito. É muito desagradável andar com o passaporte. Era a primeira coisa. Isso tem, evidentemente, um significado. Agora, a segunda coisa é a seguinte: vivendo na Inglaterra, evidentemente, eu vou ter que virar inglês. Quer dizer, eu vou ter que me adaptar, é isso que eu quero dizer. Eu não posso viver na Inglaterra como se estivesse no Rio de Janeiro, é evidente. Então eu vou ter que viver como vivem os ingleses, ou como as pessoas... Eu vou ter que viver como uma pessoa que vive em Londres, é claro. Mas acontece o seguinte, eu me apresentei a seguinte proposta: mas aí, vai acontecer um dia que eu vou estar todo contente, achando que eu estou definitivamente integrado, e vou estar em uma reunião como essa e, de repente, alguém vai começar a

mencionar de passagem o saci-pererê deles e eu não sei o que é. Quer dizer, então, tem uma coisa intrínseca no sujeito que não permite... A mim não permite me dissociar daqui. Quer dizer, eu, aqui, conheço tudo. Então, eu vivo integralmente aqui. Não é nada a ver com a ciência, não.

Entrevistador 2 – Isso deve até sacrificar algumas coisas na [**inaudível**].

D.A. – Ah, sem dúvida, sem dúvida nenhuma. Integralmente. Quer dizer, eu quero ser um sujeito... Eu quero tudo a que eu tenho direito. Lá eu não tenho, é verdade. Esses aspectos todos são muito importantes para mim, me grilam muito e, realmente, tiram muito o sabor do resto necessário. Então, eu acho que eu tenho que fazer... E aí têm outras coisas muito importantes, que eu já falei para a Maria Clara, que é o seguinte: o aspecto de que, dentro dessa circunstância, o que eu tenho que trabalhar é aqui. O trabalho que eu tenho que fazer tem que ser feito é aqui.

Entrevistador 2 – Aí não tem nada a ver com o saci-pererê.

D.A. – Não tem nada a ver com o saci-pererê. Tem um pouco, mas eu acho que agora é o sujeito que... Tem um pouco de responsabilidade social. Eu me considero em débito... Eu não sei se agora tanto, mas, enfim, eu me considerava em débito com a minha sociedade. Sem fazer demagogia. Mas é um negócio muito íntimo que eu estou dizendo aqui agora, mas, enfim, é pelo seguinte... Não sei se tem muito a ver com as minhas origens, porque eu sou de uma origem muito humilde. Eu tenho a impressão de que, para eu chegar aonde cheguei, professor universitário, eu subi nas costas de muita gente, do meu pai, meus amigos de infância, e eu estou lá no alto e eles não. Isso me incomoda muito. Realmente me dá... Talvez seja um complexo de culpa terrível, não é? Pode ser que seja, não é? A minha análise não deu para chegar até aí, mas, de qualquer maneira...

Entrevistador 2 – Quem sabe um dia? [riso]

D.A. – Mas isso é muito importante. Quer dizer, tem a minha responsabilidade social que é enorme. O meu pai é um operário, a minha mãe é lavadeira, quer dizer, a família toda muito humilde. O meu avô materno era condutor da Light. Quer dizer, é um negócio, assim, que... Não é fácil você ir para Londres nessas condições, entende? Quer dizer, é muito difícil. E eu tenho muita coisa a fazer aqui que eu faço questão de fazer... O que eu tenho que fazer, eu tenho que

fazer aqui. Quer dizer, vou ser eu mais um agente espoliativo? O que custou a minha formação? Já pensou nisso? Foi uma fortuna. Então, eu tenho que retribuir isso de alguma forma. E eu quero retribuir. E eu não quero ir embora, esse que é o ponto. Eu quero ficar aqui. Como dizia a Eneida, a não ser que me ponham daqui para fora, eu não saio daqui. A Eneida é que falava isso. Eu não vou embora. A não ser que me ponham daqui para fora, eu não saio daqui.

Entrevistador 2 – Deixa eu pegar um pouquinho isso. Você ficar em um laboratório fazendo pesquisa de ponta, com recursos inclusive, às vezes, estrangeiros etc., em que medida que isso é uma retribuição social? O que você está construindo aqui?

D.A. – Você está falando do laboratório aqui?

Entrevistador 2 – É. Esse tipo de atividade está produzindo o quê em termos de retribuição?

D.A. – Muita coisa. Ah, realmente, aí a retribuição é enorme, gigantesca. Por exemplo, eu estou formando indivíduos que eu pretendo que cheguem ao nível que eu estou ou que me ultrapassem, evidentemente. Isso é uma colaboração inestimável por quê? Porque são esses indivíduos, formados assim, que podem modificar alguma coisa depois: introduzir novos conceitos, introduzir novas concepções, modificar as coisas nas suas bases mais profundas. Não é formando um mestre qualquer que vai ser professor secundário que você vai fazer isso. Evidentemente que não é. Então você tem que formar pessoas que aumentem essa massa de indivíduos que estejam na sua situação e que tenham as suas possibilidades. Então você tem que criar uma população universitária, que é a minha área, que possa ter uma atuação... a atuação que a universidade tem. E qual é a atuação que a universidade tem? A universidade é e tem que ser – e aqui mesmo, também –, historicamente e por definição, a área socialmente mais sensível de qualquer civilização. Por quê? Exatamente porque congrega esses indivíduos que estão na ponta da biofísica, da bioquímica, da literatura, das artes, da política, da economia, da sociologia, da antropologia... Então, realmente, esses sujeitos são os sismógrafos: eles são capazes de pressentir as coisas que devem ocorrer. Então eles devem estar preparados para isso.

Entrevistador 2 – Isso em termos gerais.

D.A. – Em termos bem gerais.

Entrevistador 2 – Mas e em termos mais específicos, o pessoal que você está formando? São biofísicos que você está formando? São médicos?

D.A. – Não, tem de tudo. Tem gente de todas as áreas que aparecem lá. São sujeitos que devem estar capacitados a exercer aquela sua função. Quer dizer, são indivíduos que têm que ter, isso é muito importante, uma consciência muito exata do papel que lhes compete dentro da sociedade, não só como docente da faculdade...

Entrevistador 2 – Mas como é que você ensina isso em um Programa de Biofísica?

D.A. – Ah, mas isso não ensina em um Programa de Biofísica. É muito difícil. Isso vai se passando aos poucos. Em um Programa de Biofísica, a gente pode sugerir alguma coisa. Atualmente se sugere muito pouco. Cada vez se sugere menos, não é? Mas, enfim, a gente procura, de alguma forma, inserir essa noções dentro daquilo que você diz. É claro que, na hora que você está explicando como é que funciona uma bactéria, fica sempre difícil você passar alguma coisa além da fisiologia da bactéria. Mas se você tomar jeito e prestar atenção, você pode procurar incutir um certo número de abordagens, pelo menos, que são essenciais para moldar o indivíduo. Eu acho que isso é um trabalho muito importante, porque essas pessoas, depois, vão ter que atuar nessas áreas e em outras áreas.
Mas o trabalho que você está se referindo é um trabalho que se faz muito mais dentro do laboratório, onde você tem a presença diária, dia após dia, semana após semana. Aí você faz, tranquilamente. É claro que ninguém chega para você inteiramente barro mole, ou virgem. O que acontece é que as pessoas já vêm moldadas. Mas você pode influenciar, deixar uma marca.

Entrevistador 2 – Mas eu situo que a marca mais importante que você pode deixar é a marca da sua capacidade como cientista.

D.A. – É claro. Isso é a coisa principal. Mas eu acho que a capacidade como cientista não pode ser dissociada tanto. Aí é que está, a sua capacidade como cientista não significa fazer um trabalho e publicá-lo. Esse que é o ponto, você entende? Você está falando como o pior dos meus amigos, quer dizer, que o sujeito fazer ciência é o cara ir para o laboratório, fechar a porta, faz a experiência, escreve o artigo, publica e depois vai embora para fazer outras coisas. Não é isso. É exatamente o contrário disso que eu estou querendo dizer para você. O sujeito transmitir ele como cientista, é esse o cientista que tem que estar atento. Não é o cientista que faz... que só

faz a... Evidentemente, se não fizer experiência, não é cientista, mas não é o cientista que só faz a experiência. Eu sou muito contra esse tipo de cientista. E todas as evidências demonstram que esse sujeito não é desejável, não é o melhor. Não é o mais desejável, digamos.

Entrevistadora 1 – Que evidências são essas?

D.A. – Aí é o diabo, porque aí são coisas realmente pessoais. Quer dizer, os colegas que eu conheço, de várias proveniências, que fazem esse tipo de coisa, realmente não funcionam muito bem ao constituir a sua progênie científica. Não funcionam.

Entrevistador 2 – Agora, deixa eu perseguir isso um pouco mais. Vocês têm um laboratório na área de biofísica.

D.A. – É.

Entrevistador 2 – Então, eu suponho que a contribuição de vocês como cientistas vai ser tanto maior quanto melhor seja a qualidade científica do laboratório.

D.A. – Isso.

Entrevistador 2 – Se vocês forem muito conscientes, muito participantes, muito interessados nos problemas sociais globais do país, mas incompetentes na atividade científica...

D.A. – Não adianta nada, é claro. Não é a finalidade.

Entrevistador 2 – Porque você pode formar em outros lugares, em outros departamentos, em outros contextos esse tipo de coisa.

D.A. – Estou de acordo.

Entrevistador 2 – Então, o que caracteriza por excelência o trabalho de vocês é esse tipo de gente. Entretanto, o sujeito que faz só isso, esse sujeito não serve.

D.A. – Exatamente. *Eu* acho que não. Eu acho que não, pelos exemplos. Apareceu aqui, há uns cinco anos ou mais, um sujeito chamado Arthur Kornberg. O Kornberg, eu tenho o livrinho dele ali, ele foi o sujeito que ganhou um Prêmio Nobel porque estudou ácidos nucléicos, a bioquímica de ácidos nucléicos, e continua estudando ácidos nucléicos até agora. Esse sujeito, realmente, o livro dele é ótimo, o laboratório dele tem trabalhos realmente... Bom, eu não tenho comentários, evidentemente. Ele só sabe falar disso. Ele só sabe falar isso e ele só sabe falar disso.

Entrevistador 2 – Mas qual é o problema? Está ótimo.

D.A. – Eu acho péssimo! Eu acho péssimo! Porque esse sujeito, inclusive, ele fica...

Entrevistador 2 – Ele fala bem disso?

D.A. – Muito bem. Ele fala muito bem. Realmente, o livro... Eu não estou dizendo para você que o livro dele é ótimo? Mas o que acontece é o seguinte, eu acho que esse sujeito está falhando fundamentalmente, porque... Parece que ele está vendo muito, não é? Mas eu acho que ele está vendo muito pouco. Eu vou dar um exemplo. Eu poderia dar vários, mas, por exemplo, se você chegar no Kornberg e disser a ele o seguinte: "Dr. Kornberg, o ADN que o senhor está estudando pode ser usado para transmitir o câncer e disseminar na população. O que o senhor acha disso?", ele não vai ter resposta. Por quê? Porque ele não tem vivência disso, então, ele não pode responder a isso. Da mesma forma que, se ele fosse responder a qualquer pergunta que você faça sobre o ADN, ele é incapaz de fazer qualquer pergunta e de responder a qualquer pergunta que não se relacione com o ADN. Ou, pior ainda, que se relacione com o ADN sob outro aspecto. Aí, estrepou-se. Então, não pode! Esse sujeito não é um cientista completo, no meu ponto de ver. Por quê? Porque ele não tem a consciência exata do seu papel na sociedade e ele não é capaz de assumir a responsabilidade que a sua própria função exige.

Então, o sujeito que faz o DNA, que tem o DNA na mão e na cabeça, ele deve saber para que isso serve e deve ser capaz de dizer, com toda a autoridade de que ele está revestido, para que serve aquilo e o que deve e o que não deve ser feito, mesmo que ele erre. Mas o que ele não pode é se omitir.

Então, o sujeito que é omisso, como é que eu posso...? O sujeito que é absolutamente omisso... "Ah, não me interessa porque a minha vida é o meu laboratório." Não! Tenha a santa paciência! Isso não existe. A atividade cientifica é a coisa mais disseminada, do ponto de vista social,

atualmente, que existe. É o que tem maior repercussão social – haja vista os Estados Unidos – que você pode imaginar. Então, como é que um sujeito que exerce essa atividade pode se omitir? Basta ver você a crise que acometeu o Oppenheimer e colegas com a tragédia da bomba atômica. Um drama que está se repetindo agora, na biologia, com a engenharia genética. Mas eles estão de pé atrás: Eles estão dizendo: "Espera aí, o que nós estamos fazendo?". Então, esse sujeito é um cientista. O cara que levanta, lá em Boston, o pessoal... o Grupo da Ciência para o Povo, dos Estados Unidos, esses são cientistas, porque eles estão dizendo: "Essa pesquisa não pode ser feita, porque isso aqui é nocivo socialmente. O 'cromossomo do crime' deve ser combatido. Isso não existe. Enquanto não se fizer um esquema científico para pesquisar isso, você não pode pesquisar". Então, esses caras são cientistas. Quer dizer, cientistas! São cidadãos, isso é o que é. Porque o cientista nada mais é do que um cidadão como outro qualquer, como um arquiteto, um engenheiro, um ferroviário ou qualquer coisa assim.

Entrevistador 2 – O sujeito pode ser um excelente cientista e um péssimo cidadão.

D.A. – Evidentemente. É isso que eu estou querendo dizer para você. Então, não me interessa o sujeito... Então, é nocivo. Não é um sujeito integrado. É claro que ninguém pode exigir a perfeição, mas o sujeito pode se prevenir. É preciso então ficar bem consciente. Além do que, fazer ciência em um país é diferente de fazer ciência em um outro país. Isso já é um outro tema, mas tem a ver com isso também.

Entrevistadora 1 – Darcy, você está falando de uma relação entre a pessoa que trabalha no laboratório e os alunos dele, que é um negócio muito integral, pega isso tudo. Como é que seria isso nos laboratórios estrangeiros em que você esteve, por exemplo, esse tipo de relação? Porque é um negócio quase pessoa a pessoa, quer dizer, você com cada um dos seus alunos, e ao mesmo tempo, trabalhando.

D.A. – Existe. É claro que existe. Poxa! Existem brigas homéricas. Quer dizer, o folclore científico está cheio de histórias dessas, de indivíduos de alto prestígio científico que se comportam tiranicamente. Eu vou te dar um exemplo maravilhoso que eu me lembrei agora. Têm uns americanos, atualmente – vivos, trabalhando no laboratório –, muito famosos, porque estão pesquisando assuntos de ponta, uma coisa de vanguarda, temas muito quentes. Então, tem uma procura enorme no laboratório do sujeito, e ele então emprega oito a dez sujeitos, 20 sujeitos, 30 sujeitos, trabalhando naquele... A produção dele é enorme, é claro. Chega-se ao

cúmulo do seguinte: você trabalha numa bancada no laboratório – têm várias pessoas no mesmo laboratório, duas, três – e você está trabalhando num assunto, o sujeito ao seu lado está trabalhando no mesmo assunto e você não sabe o que ele está fazendo. Você quer coisa mais detestável? Que diabo de ciência é essa, meu Deus do céu?! E o sujeito começa a competir com o outro: "Eu quero fazer isso antes dele". O cara não dorme. Escuta, eu faço ciência é para viver, não é para morrer. E depois, o chefe é que sabe de tudo. E na hora de fazer as coisas críticas, os macetes, ele vai e faz e não diz para ninguém. Então, um não sabe o que o outro faz e o chefe sabe de tudo e não... Escuta, o que é isso? Que utilidade é essa?

Entrevistadora 1 – Mas isso é regra geral? Ou isso é exceção?

D.A. – Não, isso talvez seja uma... Quer dizer, eu estou raciocinando com os extremos, é claro. Eu estou raciocinando com os extremos. Evidentemente que você tem um ali que vai dizer: "Não, esse sujeito aí é uma personalidade psicopática". Pode ser que seja. Talvez seja. Mas o que eu posso fazer? São os casos extremos. Então você tem toda a gradação entre isso e um sujeito mais liberal que você pode imaginar, entende? É para te dar uma noção... É muito importante você desmistificar a atividade científica.

Entrevistadora 1 – Você mesmo não contou a história uma mulher que trabalhava com dois caras da **ABM**?

D.A. – É, a **Rosane Franklin**. É um livro isso.

Entrevistadora 1 – Tem um livro inclusive.

D.A. – Têm vários livros aí. Eu tenho. Esse é um troço...

Entrevistadora 1 – Porque simplesmente excluíram ela da **ABM**.

D.A. – É, fizeram muita sujeira. Esse é um assunto que eu pessoalmente gosto, eu me interesso pelo assunto científico em si, então, eu sigo as coisas em paralelo.

Entrevistador 2 – Eu estou querendo voltar ainda um pouco, porque para mim não está muito claro.

D.A. – Pois não.

Entrevistador 2 – Eu acho que... Eu entendo essa preocupação, essa ideia de que o cientista tem que ter uma noção mais ampla do que ele está fazendo, não limitada à atividade científica dele etc., mas eu ainda acho que, digamos, se você pega um grupo em um laboratório ou em um instituto de ciência, para mim, eu estou interessado principalmente no papel que esse laboratório, enquanto tal, pode [**inaudível**] isso. O fato de você formar cidadãos conscientes, isso é igual a qualquer outra coisa, mas o fato de você ter um laboratório específico trabalhando em biofísica é específico desse laboratório. Então, a minha pergunta se refere um pouco a isso, quer dizer, qual é o papel específico desse laboratório? Quer dizer, enquanto formação de biofísicos, ele é um laboratório...? **A** contribuição para a medicina no Brasil fica melhor ou pior com isso? Ele forma gente mais educada, gente com mais conhecimento específico em relação à coisa? Eu não estou deixando de lado o outro, mas eu estou querendo ver esse lado.

D.A. – Isso varia muito de laboratório para laboratório. Isso varia tanto quanto um indivíduo de um indivíduo para outro, que é o chefe do laboratório. Isso realmente varia muitíssimo. Então, você tem de tudo, não é? Você pode encontrar realmente de tudo aí.

Entrevistador 2 – Mas a sua experiência. Como é no seu caso?

D.A. – Eu posso dizer o que eu procuro fazer, isso é o que eu posso dizer. É difícil avaliar o quanto que a gente consegue fazer disso porque é um relacionamento com outras pessoas, e como é que você vai avaliar isso? Você não sabe até que ponto você atingiu o seu objetivo. Uma coisa eu aprendi, você dá uma aula e, frequentemente, você ouve isso, o professor sai... “Poxa, hoje eu dei uma aula muito boa”. Sim, você deu uma aula muito boa para você, mas você não sabe se você deu uma aula muito boa para o sujeito que está ouvindo a aula. Como é que você sabe que a aula foi boa? A aula foi boa na medida em que você atingiu o objetivo. Alguma coisa que foi boa para você pode ter sido péssima para o sujeito. Então você não sabe. Então, foi muito boa? Não sei. Então, nessa medida, eu acho o seguinte, que você deve... O que eu penso e o que eu procuro fazer no laboratório é o seguinte, é procurar orientar o sujeito para a procura de problemas, de questões, ou de temas científicos de pesquisa que sejam relevantes para a nossa situação atual, para a nossa época. Nossa, brasileira. Isso é um negócio muito importante.

Entrevistador 2 – Você pode dar uns exemplos sobre isso?

D.A. – Posso. Por exemplo, eu acho que você deve fazer aqui pesquisas que não sejam altamente competitivas em relação ao estrangeiro, pesquisas que sejam acessíveis às nossas possibilidades de equipamentos, financeiras etc. Você não pode fazer, evidentemente, dadas as restrições vigentes e características do nosso país, não pode fazer pesquisas que exijam um dispêndio muito grande de dinheiro.

Entrevistador 2 – Mas você não vai estar fazendo, com isso, ciência de segunda classe?

D.A. – Não, absolutamente. Eu sou muito contra... Desde que você escolha direito. Por que a ciência de primeira classe é só aquela que os países desenvolvidos fazem? Está aí uma boa pergunta.

Entrevistador 2 – Porque eles estão na frente, não é?

D.A. – Eles estão na frente, está certo, mas isso não significa que os temas que os interessem sejam os únicos temas relevantes. Eu raciocino ao inverso. Digamos o seguinte: se um país está num estágio A e tem uma pesquisa de certo valor é porque essa pesquisa é de valor para eles. Por quê? Porque é uma atividade como outra qualquer. A atividade científica tem que ser encarada como uma resultante das circunstâncias sociopolíticas e econômicas daquele país. Não pode deixar de ser de outra maneira. Para mim, não pode ocorrer. Se o sujeito está pesquisando uma nova forma de botar microtransistores é porque a nave espacial não comporta um troço muito grande. Tem que ser pequenininho. Então, vamos fazer um negócio pequeno. É por isso que eles estão pesquisando. Tem que ter uma razão. Se o sujeito chega e diz “vamos agora botar US$ 2 bilhões na pesquisa do câncer” é porque o câncer está matando mais americano que outra coisa qualquer, é porque está sendo uma preocupação grande do governo, não é isso? Por que os Estados Unidos não resolvem botar US$ 2 bilhões na pesquisa da esquistossomose? Ninguém morre de esquistossomose nos Estados Unidos, por que você vai fazer isso?

Entrevistador 2 – Mas tem [**inaudível**] da esquistossomose?

D.A. – Claro que tem. Inclusive, eu acho que um das formas de você atingir mais rapidamente a solução de problemas de saúde pública é através da pesquisa básica desses problemas. Uma das formas que me parecem mais eficazes de você conseguir isso é investigar o que está por baixo disso tudo. Não é jogar creolina no lago que vai fazer isso. Evidentemente que não é. Então você tem que atacar o problema na sua base. Quer dizer, você, para curar uma determinada doença... Claro, você vai me responder que medidas de saneamento altamente disseminadas etc. podem conter o mal. Mas de repente aparece lá em um outro local e volta a grassar, volta a... É um combate insano. Ao passo que se você começar a procurar as características básicas que cercam aquele tipo de mal, então você vai atacar esse mal pela raiz, realmente e literalmente pela raiz. É por isso que eu digo: então, a nossa ciência tem que ser dirigida para outro lado. Por quê? Porque nós somos um país classe B, então, tem a ciência característica da classe B. Nós não vamos lançar uma nave espacial para Marte. Você pergunta: por quê? Porque nós não chegamos lá. Está certo, eu aceito. Então, não é esse o meu campo de pesquisa. Está bem definido.

Entrevistador 2 – Está bem, mas deixa eu perseguir um pouquinho mais isso. Uma pessoa vai estudar nos Estados Unidos, vai para lá, passa lá três ou quatro anos ligada a uma pesquisa sobre câncer. Ele vai entender, ele vai conhecer o que há de mais avançado na ciência americana pesquisando sobre o câncer. Então, a razão que levou a isso, evidentemente, são as razões que fazem com que os americanos estejam mais preocupados com o câncer do que com a esquistossomose. Mas o tipo de coisa que ele vai manipular é toda a capacidade de conhecimento, todos os problemas de ponta surgidos da pesquisa sobre o câncer, que tem a ver com imunologia, com não sei o quê. Agora, o tipo de formação que ele vai adquirir nesse processo não é superior àquela que ele iria adquirir se ele estivesse estudando a esquistossomose no Brasil?

D.A. – Mas é um conhecimento que pode ser aplicado no estudo de uma outra coisa qualquer.

Entrevistador 2 – Por que não é?

D.A. – Por que não? É a tal história, esse conhecimento, você pode... Você liga a televisão, você vê o Cassius Clay lutando, você absorve essa coisa, não é verdade? Você não tem um Madison...

Entrevistador 2 – Você diria que é melhor então mandar o cara estudar o câncer do que a esquistossomose?

D.A. – Não, ele não vai estudar... É a tal história, quando ele vai estudar o câncer, não significa que isso o marque, como se fosse uma rês, e que ele fique permanentemente estudando o câncer. Não. Aí é que está errado. Essa concepção, eu acho que também está errada. Se o sujeito vai estudar o câncer, não é porque ele quer descobrir a chave para a cura do câncer ou qualquer coisa que tenha a ver com o câncer. O que interessa é que ele vai ser treinado para enfrentar um problema de pesquisa básica relacionado com uma coisa que pode ser câncer, esquistossomose ou o que você quiser. Mas, enfim...

Entrevistador 2 – Você diz que melhora esse treinamento?

D.A. – Exatamente. Ele vai ser treinado para enfrentar um problema.

Entrevistador 2 – Mas esse treinamento é melhor adquirido em pesquisa sobre o câncer do que em pesquisa de esquistossomose?

D.A. – Nos Estados Unidos é, é claro, porque tem muito mais gente fazendo isso... Quer dizer, está muito mais desenvolvido em um setor do que no outro, é evidente. Mas nada impede que as coisas ou noções, a metodologia, a arte de pensar e a arte de enfrentar, a forma como você se comporta diante de uma questão, ou a maneira pela qual você propõe uma questão seja aplicada a qualquer outro problema. Porque senão o sujeito...
Atualmente, todos os grandes biologistas moleculares estão... Todos não. Quando eu digo todos quer dizer... Isso me lembra a história do Ricardo Ferreira, que era um físico brasileiro muito conhecido, de Pernambuco. Ele dizia o seguinte: "Não, esse problema aqui..." Eu fiz uma pergunta... Ele estava dando uma aula de física que eu estava seguindo, um curso de física que ele deu. Ele disse: "Esse problema aqui está sendo resolvido nesse sentido porque eu já conversei com *milhões* de pessoas e todos eles acharam a mesma coisa. Quer dizer, milhões não, uns seis". Quer dizer, é a mesma coisa com o *todos*. Todos não, mas uma meia dúzia saiu da biologia molecular e foi fazer neurobiologia, sistema nervoso. Então: mas o cara que estudava bactéria vai estudar sistema nervoso? Nessa concepção não podia, porque é o extremo oposto: a bactéria é a simplicidade da organização e o sistema nervoso é o outro extremo da organização. Então o sujeito realmente deu um pulo fantástico. Ele foi, realmente, de uma

extremidade à outra. E segundo essa concepção, o sujeito não pode fazer isso. E faz, poxa, mas com o maior sucesso. É evidente que pode fazer. Os cientistas podem derivar de uma área para outra. E, realmente, com sucesso.

Entrevistador 2 – A conclusão desse raciocínio é o seguinte, é que, do ponto de vista de formação de pessoas, não importa muito se ele está pesquisando uma coisa ou outra.

D.A. – Ah, não, exatamente.

Entrevistador 2 – Então significa que a ideia de você orientar pesquisas no instituto, na universidade para um tema como esquistossomose pode ser melhor do que outras coisas no produto final, mas não é melhor...

D.A. – Para treinamento, não. Eu acho que não. Aí você tem toda razão, sem dúvida. Porque o método científico...

Entrevistador 2 – E aí, sim, é melhor deixar as pessoas decidirem pela cabeça delas o que elas quiserem, sem pensar em para que é que serve.

D.A. – Acho preferível. Porque muitas vezes o sujeito acha que não está fazendo nada de muito importante e, na realidade...

Entrevistadora 2 – Mas é um pouco contraditório isso, não?

Entrevistadora 1 – Agora, você colocou uma história de que achava que as pessoas só deviam ir para fora quando tivessem chegado ao máximo do que podiam conseguir aqui, exatamente para não serem talvez impregnados pela ideia de que você está... quer dizer, você aprender não só uma metodologia como, também, adotar o objeto deles. É uma coisa meio por aí? Uma pessoa que fosse para lá muito cedo viria...

D.A. – Acontece muito. Isso é um tema que eu discuto muito. Eu estive agora em um congresso em Itatiaia e discuti muito com os meus colegas lá, com o pessoal de São Paulo, daqui mesmo, de Belo Horizonte. Eu acho realmente, estou convencido disso, realmente convicto que eles estão enganados. O sujeito acha que fazer... Confundem muito... É isso que você está dizendo,

eles acham que... É um negócio muito sutil, mas para mim, perfeitamente claro. A pesquisa de ponta, a pesquisa de fronteira do conhecimento, eles acham – não dizem, mas acham, é a minha interpretação –, eles acham que pesquisa de ponta é aquela que é feita fora, é aquela que é feita nos outros países. Não é nada disso. A fronteira do conhecimento depende do conhecimento. Se você tem alguma coisa que não tem nada, a fronteira está aqui, e a outra está lá adiante, não é verdade? Então, você quer fazer o quê? Pesquisar no desconhecido, não é verdade? Levantar os segredos da natureza. Isso você pode fazer em qualquer área. Em qualquer área. Agora, é mais interessante fazer em áreas que sejam de relevância para nós, do que de relevância para eles. Eu acho isso. Para mim é muito claro. E você não pode se enganar. E aí é um outro aspecto. A grande desvantagem... Esses sujeitos serão biologistas moleculares, eles fazem biologia molecular, então, eles ficam fazendo coisas que podem ser feitas lá, que estão sendo feitas lá.

Entrevistador 2 – **Nas faculdades** brasileiras?

D.A. – Brasileiras. Então o sujeito vinha com essa história: “Não, se não for assim, não adianta fazer pesquisa. Então é uma pesquisa de segunda classe”. O que é uma besteira, porque... Pesquisa de segunda classe só porque não é aquela que é feita no país desenvolvido? Mas se nós não somos um país desenvolvido, por que...?

[FINAL DO ARQUIVO 1114_DARCY_DE_ALMEIDA_01b_29.09.1976]

Entrevistador 3 – ...[Inaudível] era um negócio o mais especializado possível.

D.A. – Claro. Eu acredito.

Entrevistador 3 – [**Inaudível**] que se coloca na formação é o problema do saber e do aluno, também, que exige essa... Se ele está disposto a aprender, ele quer receber o que existe em termos de conhecimento. E você coloca um problema, **o acesso** dele ao conhecimento. Ele está sabendo hoje... Você sabe o que existe em qualquer lugar do mundo. Então, ele também sabe o que existe em qualquer lugar do mundo, e ele quer para ele. Eu tenho que dar a ele aquilo que existe em qualquer lugar do mundo e, além do mais, formá-lo na realidade em que ele vai operar e em que ele vai trabalhar. É o que você estava falando do Chagas. O Chagas sabia uma porção de coisas, mas formou... E você sente... Em todo caso, essa necessidade de conhecimento do aluno, do aluno que se interessa, porque ele é muito impressionado... “Eu não

compreendo como colegas meus não se interessam". E vão para lá, assistem a coisa e... E outros, gozam com a aula. Ele, por exemplo, curte a coisa de uma maneira muito intensa. Agora, ele exige também. O professor que não dá a ele o que ele quer saber, ou dá mal, ele fica [**inaudível**] da vida. Ele está querendo receber. Agora, ele quer receber... Talvez a formação, que é uma coisa... Porque a formação, ele nem sabe do que se trata. Ele vai saber depois. Mas, digamos, o conhecimento, ele quer aquele conhecimento sobre a coisa.

D.A. – Certo. Eu acho que tem todo o direito.

Entrevistador 2 – Deixa eu mudar um pouco o tema?

D.A. – Estava bom isso. Isso é gostoso. [risos]

Entrevistadora 1 – Se estava!

Entrevistador 2 – Eu estava preocupado com um outro tipo de coisa, que é te pedir um pouco uma descrição de o que existe nessa sua área. Uma descrição de o que você faz nesse momento e como é que está, que tipo de lucros existem, que linhas de trabalho existem e que outra gente...

D.A. – Dentro do que eu faço?

Entrevistador 2 – É. Definindo como biofísica, não é? É essa a definição que você dá?

D.A. – Não. Eu acho que eu não sou biofísico, não. Eu acho que eu faço outra coisa.

Entrevistador 2 – Então como é?

D.A. – Eu botei um nome... É muito curioso. Eu aprendi isso dos franceses. O nome do meu laboratório é Laboratório de Fisiologia Celular. Agora, fisiologia celular é absolutamente tudo, não é? É o nome mais geral possível. Qualquer coisa é fisiologia celular, evidentemente. Isso me dá uma liberdade enorme. Eu posso fazer o que eu quiser. "Mas o que você está fazendo hoje?" Fisiologia celular. Claro! Eu posso estudar o que eu quiser porque é fisiologia celular.

Então, eu não me considero um biofísico de formação nem nada. Eu sou um biologista, digamos. Isso é o que eu acho que eu sou.

Entrevistador 2 – Biologista celular?

D.A. – É, celular. Porque eu gosto muito de trabalhar com a célula viva, íntegra – na medida do possível, porque às vezes não pode. Eu gosto muito de ver a coisa funcionando, se dividindo, evoluindo etc. Eu gosto muito de ver isso e atuar na célula assim. Isso me dá muito prazer, ver as coisas se modificando etc. Eu gosto muito disso. Mas de vez em quando a gente tem que fazer outras coisas, é importante isso.
Mas, atualmente, eu estou estudando várias coisas. Têm várias linhas de pesquisa, têm várias coisas que me interessam, mas, em suma, duas coisas importantes, o seguinte: de um lado, o estudo de divisão celular de bactérias, como é que uma bactéria se reproduz, o que é importante para uma bactéria se reproduzir, e a segunda coisa, a relação entre bactéria e vírus, o vírus que infecta uma bactéria. Como um modelo, não é? Isso eu uso como um modelo de uma célula infectada por um vírus, que é um negócio que já tem um interesse muito mais prático e imediato. Mas, enfim, é mais fácil trabalhar com uma bactéria do que com uma célula animal, que é complicado. Com bactéria é tranquilo, você trabalha fácil, silenciosamente. Com bactéria e vírus é perfeito. E atualmente eu comecei, no mês passado, a desenvolver uma outra linha, para ser coerente com o que eu digo, desenvolver uma outra linha, que é o estudo da fisiologia de um Trypanosomatideo, um protozoário da família dos Trypanosomas, mas que não é patogênico, de modo que eu posso trabalhar tranquilamente. Eu também não gosto muito de coisa patogênica, não. E eu estou trabalhando também como um modelo, um modelo para estudar Trypanosoma. Então, eu posso trabalhar com ele... Ele é muito parecido... Em certos aspectos, ele é parecido com o Trypanosoma, então ele pode servir como um exemplo. Você pode elaborar em torno dele que depois você pode aplicar. Isso porque eu acho importante... É aquele negócio, porque eu acho muito importante fazer esse tipo de coisa.

Entrevistadora 2 – São pesquisas caras?

D.A. – A minha pesquisa é muito barata. É a mais barata do instituto, eu acho. Porque, também, foi outra proposição a que eu cheguei. Houve um momento na minha vida que eu parei e pensei: “O que eu vou fazer agora?” e fiquei com essa pergunta algum tempo, elaborando e sabendo que tinha que ser para atender a essas coisas que eu estou dizendo. Porque, realmente, eu não

estou dizendo isso de graça. Não pode ser competitivo, isso estava na cara. Quem vive no Brasil a vida inteira, na Rua do Catete, depois passa quatro anos na Europa e volta, não tem nada a ver uma coisa com a outra. Então você tem que fazer uma pesquisa que não tenha nada a ver com aquele negócio de Estados Unidos e Europa, em termos de você querer fazer aquilo que eles fazem lá, porque não é, não pode.
A segunda coisa: apesar de não ser competitiva, não significa que seja categoria dois ou três. É aquela coisa que é imediata, é uma reação imediata: "Ah, então é de segunda categoria". Não. Então, a segunda proposição era essa: tem que ser intelectualmente estimulante e tem que ter relevância. Então, você deve ser capaz... É um negócio que parece contraditório, mas é o seguinte, não deve ser competitiva em termos de fazer aquilo que todo mundo está fazendo, porque aí não é competitiva, é caudatária, e em segundo lugar, deve ser uma pesquisa tal que permita a você competir no nível internacional. Você entende a diferença? Quer dizer, não é fazer... É fazer uma coisa que você possa... que seja acessível, mas que você possa fazer em nível internacional. E, portanto, não é de segunda categoria, porque é tão bom quanto o que as pessoas estão fazendo lá fora. É diferente. Eu não vou fazer o que as pessoas estão fazendo lá fora; eu vou fazer alguma coisa tão boa quanto eles fazem...

Entrevistador 3 – Isso reflete, por exemplo, em publicações, em apresentação em congressos?

D.A. – Exatamente. Essa é uma medida. É isso que eu ia dizer. Como é que eu provo isso? Porque eu estou publicando, em periódicos estrangeiros de primeira classe, artigos que estão exatamente em pé de igualdade com os dos caras que fazem exatamente o que eu estou fazendo. Portanto, eu estou tranquilo, tranquilo e satisfeito. E depois, é um negócio que me interessa muito. Me ocupa a cabeça. Eu tenho que pensar nisso, eu tenho um problema para resolver: o que é que vai acontecer, certo? Então, é intelectualmente estimulante. Então, eu posso seguir com isso. Isso me ocupa, isso me deixa atento, me excita e eu quero resolver. É um desafio que eu tenho pela frente. E outra coisa, não pode ser muito cara, porque o Brasil não é um país que se possa chamar de rico, não é? Em termos financeiros...
Entrevistador 2 – E isso é socialmente relevante para nós?

D.A. – Ah, eu acho que sim. Porque eu acho o seguinte, você... É por causa do modelo, não é? Esse modelo vírus hospedeiro, eu acho que pode ter relevância para o estudo de... enfim, das coisas óbvias produzidas por vírus em células animais. Pode parecer pretensioso, mas esse modelo é aplicável em certos tipos de doenças, em tumorização, por exemplo, provocada por

vírus em células animais. Isso está comprovado em artigo. E o fato de querer trabalhar com [**inaudível**], eu acho que também é socialmente relevante. Além do que, eu estou preparando pessoas, treinando pessoas dentro dessa mesma área, procurando incutir nessas pessoas a ideia de que... Eu acho que a nossa ciência tem que ser assim. Chega um momento que você tem que definir aquilo que você faz. Não adianta você dizer que é muito bonito você trabalhar com biologia molecular etc. Não pode. Não pode porque não dá para fazer aqui. Não dá. Você tem que encarar essa realidade. Você pode fazer ciência de primeira classe em um assunto que não é aquele assunto, mas que, de qualquer maneira, é vanguarda de conhecimento em um outro campo. Eu não vejo incompatibilidade nenhuma nisso. Nenhuma, nenhuma.

Entrevistador 3 – Você vê, por exemplo, o problema do [**inaudível**]. É igual à esquistossomose. E isso foi detectado na França. Ele, na França, só encontrou um médico, na França inteira, que estava habilitado a coletar [**inaudível**], de uma maneira parece que anacrônica, porque [**inaudível**].

D.A. – Provavelmente.

Entrevistador 3 – Ninguém na França sabia da esquistossomose, porque lá não tem. E só tinha um que se interessava por isso, porque era um camarada que tratava dos turistas franceses que voltavam do Marrocos. Quer dizer, em matéria de esquistossomose, por exemplo, na França, ninguém sabe nada. É o tal negócio, o sujeito tem que estudar aqui mesmo, porque acontece aqui. Lá não tinha. Eu acho que tem uma certa pertinência com o que você estava dizendo. Você ataca onde existe. Se não tem esquistossomose nos Estados Unidos, você não vai pesquisar lá. E pesquisando aqui pode ter uma relevância tão grande como pesquisar uma outra coisa fora. Agora, acontece que o fato está acontecendo aqui.

D.A. – Eu vou mais longe. Eu acho, sinceramente, e já pensei muito nisso, sei que é uma posição muito perigosa, todo mundo vai criticar, mas eu acho que é importante que as agências financiadoras da pesquisa determinem linhas prioritárias para financiamento. Tem que saber o que você quer com o dinheiro que você aplica. Agora, por outro lado... Ainda há pouco, você falou: “Mas isso não é contraditório?”. Não é. Eu ouvi o que você disse, mas é preciso ciência básica.

Entrevistadora 2 – Como é que você estabelece critérios totalmente liberais na definição do campo e, ao mesmo tempo, determina que há uma prioridade social?

D.A. – Sabe por quê? As duas coisas têm que conviver. Pelo seguinte, porque é histórico que os grandes progressos da ciência vieram sempre, invariavelmente, ou quase que invariavelmente, da pesquisa básica, digamos, entre aspas, desinteressada. A gente chama pesquisa fundamental, não é?

Entrevistador 3 – Se você colocar as agências para decidir as prioridades, elas vão liquidar com a pesquisa básica.

D.A. – Pois é. Por isso que eu disse que a atitude é perigosa. Exatamente por isso que eu disse. É muito perigoso. Eu estou perfeitamente consciente disso. É uma atitude absolutamente perigosa. A não ser que você consiga definir duas coisas: ou você realmente faça uma divisão de fundos ou você ponha, para decidir essa coisa, cientistas, não tem saída. Agora, quando o economista começar a decidir, estamos liquidados. [risos] É verdade, a pesquisa básica está liquidada. Eles não entendem a conceituação e a utilidade da pesquisa básica. É verdade. Algum de vocês é economista?

Entrevistador 2 – Nós somos contra.

D.A. – Enfim, eu acho que é uma coisa realmente... Quer dizer, eu estou falando o óbvio. Todas as grandes invenções vieram realmente da pesquisa básica. Tem que ter pesquisa básica. Eu vou resumir isso: sem a pesquisa básica não há pesquisa aplicada que se aguente em pé, é isso que eu queria dizer. Morre.

Entrevistador 3 – Deixa eu voltar um pouco. Têm outros núcleos nessa área de biologia celular, de fisiologia celular no Brasil?

D.A. – Muitos. No Brasil, muitos. Agora, cada um com seu campo.

Entrevistador 3 – E quais são os mais importantes?

D.A. – Isso é uma pergunta muito difícil. Quer dizer, quais são os mais importantes...

Entrevistador 3 – Os mais... Os que têm uma tradição mais estabelecida, ou um número maior de pessoas.

D.A. – Depende muito da área. É realmente muito difícil dizer isso. Catalogar as pessoas já é muito complicado.

Entrevistador 3 – Eu não quero que você dê um valor para elas, eu quero que você descreva em termos, assim, de tamanho das coisas.

D.A. – Você tem... Deixa eu ver.

Entrevistadora 1 – Piracicaba.

D.A. – Pois é, mas essa é uma área... Se você pegar Piracicaba como uma outra área, não é nada. É preciso focalizar. Farmacologia, então você tem que falar Maurício Rocha e Silva, evidentemente, que está... É claro. Agora, se você falar genética, corre para o Pavan[8], para a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras [USP]; se você fala em pesquisa agrícola, você corre para Piracicaba, para a Luiz de Queiroz.

Entrevistador 3 – Tudo isso entra em fisiologia celular?

D.A. – É, fisiologia celular, digamos assim. Mas fisiologia celular realmente não significa nada. É tudo e não é nada ao mesmo tempo.

Entrevistadora 1 – Você não arranja um nome menos flexível? A vantagem que ele acha...

Entrevistadora 2 – Para nos auxiliar.

D.A. – Mas é uma grande vantagem para mim isso. Eu não abro mão disso. Ah, está louco!

Entrevistadora 1 – O que é vantagem para nós não é vantagem para você.

---

[8] O entrevistado se refere ao geneticista Crodowaldo Pavan.

Entrevistador 3 – Mas se você tivesse que dividir isso em áreas, [**inaudível**], seria genética?

D.A. – É, genética de micro-organismos, ou genética molecular. Isso, atualmente, tem muito pouca gente. O João Lúcio de Azevedo, em Piracicaba, na Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, no Departamento de Genética; tem o Sérgio Olavo Pinto da Costa, no Instituto de Química da USP, em São Paulo; tem o Edmar Chartone de Souza, de Belo Horizonte, que atualmente está lá com o João Lúcio fazendo uma tese, mas vai voltar; tem uma moça, a Maria de Fátima, lá do Pará, estudando um negócio que eu acho maravilhoso sem recurso nenhum. Ela está estudando fixação de nitrogênio em bactérias no solo da Amazônia. Eu acho maravilhoso. É um tema da maior relevância.

Entrevistador 3 – Isso é genética também?

D.A. – Faz genética, é claro, genética de Rhizobium, que é uma bactéria que fixa nitrogênio.

Entrevistador 3 – O Pavan entra nesse quadro também?

D.A. – O Pavan entra, evidentemente, nesse quadro. Mas ele não faz genética de micro-organismo; ele faz genética de insetos.

Entrevistadora 1 – [**Inaudível**].

D.A. – Não de Drosophila; ele faz genética de Rhynchosciara. A Rhynchosciara é uma mosca que ele descobriu... Não que descobriu, que ele pegou lá no litoral de São Paulo e introduziu como objeto de pesquisa. E o Pavan é um sujeito muito importante em genética, pelo papel que ele teve na genética no Brasil. Ele é discípulo do Dobzhansky[9]. Agora... Em genética seria isso. Em genética molecular, realmente, eu acho que tem pouco mais que isso. Ah, não, não. Tem o pessoal da Escola Paulista de Medicina, o Trabulsi[10] . Escola Paulista de Medicina, rua Botucatu, em São Paulo. Eu estou dando o endereço para vocês pegarem depois. Departamento de Microbiologia e Parasitologia.

[9] O entrevistado refere-se a Theodosius Dobzhansky
[10] Refere-se a Luiz Rachid Trabulsi.

Entrevistadora 1 – E o Kerr?

D.A. – O Kerr[11] faz também de insetos. Ele não faz micro-organismos. Micro-organismos e genética molecular é o campo mais novo no Brasil. No Brasil, é o mais recente. Então, somos nós. E o Diógenes Santos[12], esse baiano que voltou agora muito bem treinado dos Estados Unidos e está fazendo genética molecular na Escola Paulista de Medicina. Veja você, o repertório de indivíduos que atuam em genética molecular no Brasil, eu posso dizer aqui em três minutos. É como dizia um amigo meu lá na SBPC, que dizia o seguinte: "A genética molecular brasileira cabe num Volkswagen". [risos] E é verdade. Se esse carro bater, acaba a genética molecular no Brasil. Porque é o João Lúcio, o Sérgio, o Diógenes e eu. É uma piada, mas uma piada que não está longe da realidade. Faltavam mais dois ou três e pronto.

Entrevistador 1 – Quando você se refere a esses lugares [**inaudível**] pesquisa, você está se referindo a pesquisadores que são isolados ou a escolas?

D.A. – Grupos. Geralmente, as pessoas que eu digo são os chefes dos laboratórios. Mas tem sempre estudantes em torno deles, pessoas fazendo teses...

[INTERRUPÇÃO DE GRAVAÇÃO]

Entrevistador 3 – ...que a Argentina tenha tido dois Prêmio Nobel em biofísica, o Houssay e o Leloir[13]. Como é que você explica isso?

D.A. – Isso eu acho que é... Eu acho que Prêmio Nobel, realmente, não deve muito... Aliás, se saísse um Prêmio Nobel para o Brasil seria altamente nocivo. No momento atual, seria altamente nocivo.

Entrevistador 3 – Por quê?

D.A. – Porque aí é a tal história: "Está vendo? O Brasil é o maior mesmo em tudo", um sentimento de autossuficiência fantástico.

[11] Refere-se a Warwick Estevam Kerr
[12] Diógenes Santiago Santos
[13] Refere-se aos biofísicos Bernardo Houssay e Luis Frederico Leloir

Entrevistador 2 – “**Mais uma vez e já leva tudo**.” [risos]

D.A. – É, a próxima vez.... É um horror. É a Copa do Mundo.

Entrevistador 3 – Eu lhe faço a pergunta porque tem uma coincidência, porque os dois saíram do mesmo instituto.

D.A. – É. É um instituto muito peculiar.

Entrevistador 3 – Muito peculiar porque é financiado por particulares.

D.A. – Exatamente.

Entrevistador 3 – Por isso que eu estou te perguntando. É no sentido de saber por que... Digamos, se há o problema da verba...

D.A. – É uma situação esdrúxula aquela do Houssay e do Leloir.

Entrevistadora 1 – O Guilherme Guinle...

Entrevistador 3 – São os dois de uma fundação particular.

D.A. – É a Fundação Campomar. Quer dizer, eles têm uma organização que independe...

Entrevistador 2 – É na Argentina? É em Buenos Aires?

D.A. – É uma coisa um pouco... É um pouco um objeto estranho...

Entrevistadora 1 – É como se o Guilherme Guinle tivesse investido toda a fortuna pessoal dele em ciência.

Entrevistador 2 – E o Instituto de Física Teórica de São Paulo?

D.A. – É inteiramente independente da Argentina. Aquilo podia funcionar na Suíça, na Polônia ou em qualquer lugar. Podia funcionar em qualquer lugar.

Entrevistador 3 – Mas eu digo o papel desse tipo de coisa, de que maneira isso incide... De que maneira esse tipo, digamos, da atividade particular pode incidir no campo do conhecimento científico?

D.A. – Eu não sei se a atividade particular. Eu não diria que é a atividade particular, mas a facilidade que o sujeito tem para fazer aquilo que ele pretende fazer. Aliás, isso não é suficiente. Acontece que o Leloir é um sujeito de primeira categoria. O que você quer que eu faça? Ele realmente é argentino, é latino-americano, mas é um sujeito da primeira categoria. Então, provavelmente, ele iria ganhar o Prêmio Nobel se trabalhasse em qualquer outro lugar do mundo, fazendo aquele... É a tal história...
Veja você que exemplo bom esse do Leloir. Agora é que me ocorreu. A pesquisa que ele fazia era de primeira ou de segunda categoria? Na época, provavelmente, diriam que era de segunda categoria, porque ele não estava naquele negócio de vanguarda, de frente. Ele estava estudando o quê? Enquanto o pessoal estava estudando o negócio de proteína, ele estava estudando metabolismo intermediário de carboidratos. “Que coisa rastaquera!”, diriam os vanguardistas. Os vanguardistas diriam: “Poxa! Que porcaria”. Pois bem, identificou as etapas intermediárias do processo de biossíntese com compostos não descritos etc. e ganhou o Prêmio Nobel. Agora todo mundo diz: “Que maravilha!”, mas na época não diria.

Entrevistador 2 – O Houssay estava com ele?

Entrevistador 3 – O Houssay foi o chefe do instituto. Esse instituto foi criado para o Houssay.

Entrevistador 2 – Mas o Houssay foi a pessoa que, depois, comandou a intervenção na Universidade de Buenos Aires, em 1966, **como** reitor da Universidade de Buenos Aires.

Entrevistador 3 – Foi esse mesmo Houssay?

Entrevistador 2 – É, o Nobel.

D.A. – Mas, que eu saiba, o Prêmio Nobel não tem capacidade de imunização de ninguém. [risos] Não é?

Entrevistador 2 – Ele liquidou com [**inaudível**].

Entrevistador 3 – O Houssay? Bernardo Houssay?

Entrevistador 2 – É. Em 1966, o **Onganía**[14] nomeou ele reitor...

Entrevistador 3 – Mas ele nunca teve [**inaudível**].

Entrevistador 2 – ...da Universidade de Buenos Aires e ele então se encarregou de...

D.A. – Eu sei quem é. Eu vou te dizer o nome. É o Braun Menéndez.

Entrevistador 2 – [**Inaudível**].

D.A. – É, o Braun Menéndez veio muito.

Entrevistadora 1 – Um outro nome que eu ouvi muito... Eu não sei se era o Houssay.

D.A. – O Houssay veio muito, mas o Braun Menéndez era muito mais... tinha uma afetividade muito maior com o instituto do que o Houssay. O Houssay tinha sempre uma picuinha com o instituto, com o Chagas, de que a Argentina tinha que mandar, essa coisa, que o Braun Menéndez nunca teve. Nem o Leloir, que esteve aqui há dois meses atrás, não tem nada disso. Aliás, o Leloir não é argentino; o Leloir é inglês.

Entrevistadora 1 – É inglês?

D.A. – Na atitude...

Entrevistador 3 – Como todo argentino.

---

[14] Refere-se a Juan Carlos Onganía Carballo

D.A. – É. É uma coisa fantástica. É fantástico. Ele esteve agora aqui, há pouco tempo. Ele realmente... Ele é um gentleman. Ele nasceu lá, mas podia ter nascido em um castelo de Bradford.

Entrevistador 3 – Todo argentino tem a nostalgia de não ser escocês.

D.A. – É fantástico isso. Mas, enfim, ele fazia exatamente o que queria, estava livre de todas as injunções que cercam uma universidade, uma instituição de pesquisa governamental. Mas isso não basta, não. Eu acho que é a tal história, não é com dinheiro que você cria um bom cientista, não, absolutamente.

Entrevistador 3 – Mas no caso da Fundação Campomar, que eu conheço, não foi o dinheiro que proporcionou, foi o dinheiro posto a serviço de um cientista que era considerado bom.

D.A. – Certo. Mas aí já é outra coisa.

Entrevistador 3 – Houve um dinheiro posto de particular para apoiar uma atividade de um cientista que era considerado de primeira linha. Inclusive, as pessoas que puseram dinheiro à disposição dessa gente eram pessoas absolutamente ignorantes. Eram pessoas que não tinham nenhuma capacidade de julgar o mérito desse cientista. Foram talvez, digamos, pilotados ou... Por indicação das pessoas. Eles estavam com dinheiro sobrando e disseram: “Nós podemos botar dinheiro na pesquisa de alguma coisa útil”. Quer dizer, uma atividade filantrópica como não deve haver outras. Foi o caso do... Começou com o Houssay. Agora, não sei que tipo de incidência, em países como o nosso, esse tipo de...

Entrevistador 2 – Nós temos um exemplo no Brasil.

Entrevistador 3 – Esse é um exemplo clássico.

Entrevistador 2 – O Brasil tem um exemplo, que é o Instituto de Física Teórica de São Paulo. Eu não sei se você conhece um pouco esse caso.

D.A. – Não, esse caso eu não conheço.

Entrevistador 2 – Eu conheço muito pouco também. Mas, aparentemente, é um instituto totalmente privado. Inclusive, foi feito com a ideia de **abrigar** esses alemães refugiados depois da guerra.

Entrevistador 1 – É, que seriam perseguidos pelo Ocidente.

Entrevistador 2 – É. Os nazistas que seriam perseguidos pelo Ocidente. Mas funciona como uma coisa totalmente isolada.

Entrevistador 1 – Chegou a ter um alemão aqui, o... Eu esqueço o nome dele, mas um grande cientista alemão que chegou a ficar um ano aqui.

Entrevistadora 1 – Esse foi o único.

Entrevistador 2 – E parece que o nível não é ruim, não. O nível de física não é ruim, não.

Entrevistadora 1 – É, é bom.

Entrevistador 3 – Mas, de qualquer maneira, o trabalho de vocês, vocês fazem no contexto de uma escola de medicina ainda? Como é isso?

D.A. – Não. O nosso trabalho nunca foi vinculado diretamente à Escola de Medicina. É engraçado isso. Nunca houve essa preocupação.

Entrevistadora 1 – Mas que coisa engraçada, porque todo o discurso do Chagas era a necessidade de vincular à Escola de Medicina.

D.A. – Pois é. Mas, na realidade, nunca foi. Evidentemente, a maioria dos componentes do instituto tem uma formação médica, de modo que os temas com conotação biomédica ou médica têm predominância.

Entrevistador 3 – Os alunos que passam por aí são alunos de medicina? Ou são alunos de química...?

D.A. – Essas coisas variam muito. Quer dizer, no princípio era 100% de medicina. Na época em que eu entrei, era 100% de medicina. Depois houve uma época em que realmente a perspectiva para o cientista era das mais negras e, nessa época, a capacidade de aliciamento do instituto foi reduzida praticamente a zero.

Entrevistador 3 – Que época é essa?

D.A. – Ah, isso eu não sei te dizer exatamente, mas seria... Eu posso saber.

Entrevistador 3 – Mais ou menos. Que década foi?

D.A. – No final da década de 50.

Entrevistadora 1 – Então já foi depois do CNPq.

D.A. – É. Mas o que aconteceu foi o seguinte, não havia nenhuma possibilidade maior, então, começou um pouco a seleção negativa: entrava quem aparecia. E veio um grupo que era originário de faculdades de farmácia, principalmente, de farmácia, bioquímica e essas coisas assim. Enfim, que tinha uma formação inteiramente diversa dos outros. Atualmente, essa tendência reverteu de novo e você tem uma grande quantidade da área médica. O que eu acho muito bom. Eu não sei te dizer exatamente por quê. Mas talvez por causa da perspectiva maior que o sujeito tem, por causa da formação que a área médica fornece ao indivíduo. E também, nós estamos tendo, atualmente, e isso é em virtude da pós-graduação – aí é nítido isso –, de 1963 para cá, em virtude da introdução da pós-graduação, indivíduos de outras áreas, como química, física, ou biologia mesmo, que são sujeitos muito interessantes, eu acho.

Entrevistador 3 – Mas a pessoa, quando está entrando, ela tem que ter a graduação feita em qualquer uma dessas áreas.

D.A. – Isso.

Entrevistadora 1 – Eu fiz uma contagem, naquele [**inaudível**], tem meio a meio, de médicos e não médicos.

D.A. – Mas aí já era 1971.

Entrevistador 3 – Vocês dão doutorado?

D.A. – Também. Mestrado e doutorado. Os dois.

Entrevistador 1 – O aluno que vem de biologia, como ele é? Ele é bom? Ele é melhor do que o aluno que vem de medicina?

D.A. – Em geral é inferior.

Entrevistador 1 – Em geral é inferior?

D.A. – Em geral, inferior. A formação é menos sólida do que a do aluno que vem de medicina. O que é curioso, porque devia ser maior. Devia ser melhor. Mas, de um modo geral, o curso de ciências biológicas não fornece o tipo de formação que seria desejável.

Entrevistador 1 – O fato de o aluno vir de medicina, por exemplo, em vez de vir de biologia, dá a ele uma perspectiva, uma ótica diferente do problema que ele vai analisar?

D.A. – Mais ampla.

Entrevistador 1 – Você acha que mais ampla, é?

D.A. – Certamente mais ampla.

Entrevistador 3 – É porque eles são médicos renegados, o pessoal de medicina.

D.A. – Não. Alguns são pessoas... Podem ser. Alguns serão, provavelmente, mas eu acho que muitos deles vão fazer medicina e depois constatam... ou constatam que realmente... ou são atraídos para a área de pesquisa, e aí seria a pesquisa biomédica, ou então pessoas que entram deliberadamente para fazer pesquisa e entram na área de medicina porque é muito melhor.

Entrevistador 3 – Eu tenho uma certa ideia, não sei se é verdade, que o aluno que entra com 18 anos e quer escolher uma carreira, ele não tem a menor ideia de o que é uma carreira científica etc., e se ele entra...

D.A. – Fora casos excepcionais.

Entrevistador 3 – É. Agora, normalmente, ele é atraído pela profissão de maior prestígio. Então, a pessoa de mais talento vai entrar em engenharia e medicina, que têm mais prestígio. Então, por isso você vai ter um *pool* de gente de muito talento que depois descobre, dentro da universidade, que ele pode ter uma carreira científica. Enquanto que o pessoal que vai para outras carreiras, menos visíveis e menos prestigiadas, em geral é uma pessoa de menos talento.

D.A. – Talvez.

Entrevistador 3 – Pode ser que seja.

D.A. – Eu acho que sim. Eu acho que deve ter alguma dose de realidade nisso. Acredito que sim. De um modo geral, a experiência do pessoal que vem de biologia realmente...

Entrevistador 3 – É um pessoal que não conseguiu entrar em medicina.

D.A. – Às vezes são **rejeitados** na medicina. Frequentemente são. E frequentemente são pessoas que entram ali, assim, um pouco para fazer alguma coisa, sem motivação e, além disso, além daquela coisa de um sujeito não motivado, recebe uma formação que é insuficiente para o que ele vai fazer.

Entrevistador 4 – Se o sujeito, por exemplo, se ele é formado em uma faculdade particular ou na Nacional? Há uma diferença?

D.A. – Olha, eu acho que é difícil de constatar essa diferença. É muito difícil. Porque o sujeito que vem... Eu acho muito mais importante a área do que o local de origem. A área de origem do que o local.

Entrevistador 2 – Um médico do Rio ou do interior do Brasil é a mesma coisa?

D.A. – Não. Tem diferença. Eu acho que tem uma certa diferença. Mas, de um modo geral, são indivíduos muito mais compatíveis do que os que vêm de outras áreas. Aí a diferença é flagrante. Nós temos estudantes de... do Brasil inteiro, mas estudantes de outras escolas de medicina que, bem ou mal, conseguem se entrosar e atingir um nível que... um nível, assim, de mestre, ou de professor assistente. É um sujeito que se enquadra muito bem no tipo de atividade que nós desempenhamos. Agora, isso é muito mais difícil de você conseguir quando o indivíduo vem da área de biologia.

Entrevistadora 1 – Mas me diga uma coisa, por que então vocês aceitam pessoas que vêm de fora da área médica?

D.A. – Foi o que eu disse. Nós aceitamos pessoas que vieram de outras áreas porque houve uma época que não tinha mais ninguém. A nossa história, eu ainda não explorei muito, mas eu falei com a Maria Clara, isso é muito interessante verificar depois. Existe uma fase na história do instituto, por exemplo, em que isso ocorreu nitidamente, as pessoas que entraram... E agora realmente são pessoas que até ficam numa situação de inferioridade em relação aos outros, porque não acompanharam o ritmo. São pessoas que não evoluíram.

Entrevistador 2 – Qual é o destino das pessoas formadas pelo instituto? O instituto absorve parte deles?

D.A. – Realmente acontece de tudo, quer dizer, parte deles é absorvida pelo instituto; parte vai povoar as universidades aqui do Grande Rio; parte vai para outras universidades do Brasil; e uma pequena fração vai para o exterior. Tem realmente de tudo.

Entrevistador 3 – Mas em geral ficam na área acadêmica.

D.A. – Em geral, na área acadêmica. Acho que quase 100%. Próximo de 100%, na área acadêmica.

Entrevistadora 1 – Não existe um mercado alternativo, não, existe?

D.A. – Pois é, não existe aqui. Nós temos um ou outro caso de pessoa que foi formada por nós, estagiou muito tempo conosco e depois foi fazer alguma coisa da indústria, até no exterior. Nós temos casos desse tipo, de pessoas que saíram daqui e acabaram na indústria, nos Estados Unidos, assim, ou na Inglaterra. São raras. Quer dizer, esse espectro bastante amplo, se você pegar todos os casos, os casos individuais, o espectro bastante amplo vai abranger desde a especialização mais acadêmica até a aplicação industrial mais definida.

Entrevistador 3 – Mas com ênfase na vida acadêmica.

D.A. – Com ênfase enorme na...

Entrevistador 3 – E isso é mau?

D.A. – Eu acho que é a função. Eu acho que é a nossa função. Porque dentro da nossa perspectiva, é essa. Não dá para ter outra. A indústria nossa não pesquisa, como é que você vai ter gente trabalhando na indústria? Não tem sentido, é esdrúxulo, é inconcebível. Não existe pesquisa na indústria, como é que você vai empregar as pessoas para pesquisar na indústria? Não tem. A pesquisa é importada.

Entrevistador 2 – E, digamos, esse pessoal pode inclusive ensinar nas escolas de medicina, melhorar o nível do ensino das escolas médicas?

D.A. – É uma das ideias que nós temos. É uma das pretensões. Eu acho realmente pretensão mesmo, porque não dá para fazer isso. É muito difícil. A gente cansa de formar pessoas... Isso é um outro problema. Você forma uma pessoa aqui que passa aqui dois ou três anos fazendo uma tese, trabalho etc., publica, depois vai para o seu local de origem e lá, parece areia movediça, ele é sorvido por aquela situação. É muito difícil você mudar à distância, você querer mudar uma universidade no Nordeste. É um negócio fantasticamente difícil. Porque aí você então verifica que não basta só mandar uma pessoa, ou duas, ou três; você tem que mudar toda uma mentalidade. Você vai verificar que o reitor de tal universidade pensa de uma maneira absolutamente anômala. Como é que você vai fazer? Não tem jeito. Quer dizer, não tem essa noção da universidade como um centro de...

Entrevistadora 1 – Mudar o reitor já é mais difícil, não é? [risos]

D.A. – Aí, realmente, já transcende as nossas possibilidades. Nós não formamos esse tipo de gente que vai mudar reitor. Fica muito difícil. Temos essa experiência de mandar gente para tudo quanto é lugar do Brasil, da América Latina e até Portugal.

Entrevistador 2 – Vem gente de outros países, também, estudar?

D.A. – Vem, sem dúvida. Vem gente... Da América Latina, vem muita gente. Vem muita gente para cá estudar. Atualmente, nós temos uns três argentinos. Que eu me lembre. Eu não sei, porque eu já não tenho mais uma noção atual do instituto como as pessoas têm. Antigamente, quando eu fazia coordenação, eu sabia isso muito bem. Mas tem vários estrangeiros. O que é mais importante é o estrangeiro que você importa para trazer alguma coisa.

Entrevistadora 2 – Darcy, você estava falando da pesquisa feita aqui e fora. No tipo de pesquisa que você faz, você pode chegar num impasse aqui no Brasil, por falta de recursos materiais, por exemplo?

D.A. – É possível. É possível e bastante provável até, se avançar até um determinado ponto que seja impossível. Atualmente, então, é muito provável, com todas essas dificuldades de importação, de compra de equipamentos etc. Felizmente, eu me coloquei, desde aquela época, eu me coloquei em uma posição em que eu realmente me sinto um pouco a salvo disso tudo, porque eu não dependo tanto. Outros colegas meus dependem estritamente de importações, sem o que eles não trabalham. A minha despesa é muito pequena, relativamente pequena, em comparação...

Entrevistadora 2 – E eles estão seguindo a mesma estratégia que você, quer dizer, procurar áreas que não são altamente competitivas? Ou eles estão somente...

D.A. – Eu acho que não. As pessoas fazem o que gostam. Vamos dizer, as pessoas daquele grupo que eu falei, o tal conjunto, aqueles cinco, eu acho que esses não têm essa preocupação maior, eles fazem aquilo que eles gostam. Eles escolheram um problema e estão fazendo aquilo muito felizes. Agora, um ou dois deles têm uma dependência estrita de importação. Se amanhã, por exemplo, o governo cortar todas as importações e realmente fiscalizar, vigiar, eles param, eles param de trabalhar, porque não tem possibilidade para eles sem drogas, reagentes e

materiais... Eu já não falo em equipamento, mas reagente, que é uma coisa essencial. Eles não conseguem fazer.

Entrevistador 2 – Por outro lado, pode ser que isso, no longo prazo, force a uma coisa mais autóctone, não é?

D.A. – É possível. É realmente possível. Eu não sei se é o melhor caminho.

Entrevistadora 1 – Que é uma coisa que o Chagas enfatiza muito nos escritos dele. Ele tinha essa preocupação de usar material brasileiro.

D.A. – É verdade.

Entrevistadora 1 – A história da compra do microscópio eletrônico, ele se angustiou muito com isso, porque ele não queria ter o microscópio antes de ter os problemas que tornassem o microscópio necessário. Então ele esperou, embora tivesse havido ofertas antes, ele fez questão de esperar. Era uma coisa muito difícil. Todo mundo tinha que estar muito atrás do microscópio para...

Entrevistador 3 – Parece a história do telescópio, não é? Tem a história do telescópio, na astronomia, que é muito parecida.

Entrevistadora 1 – É parecida?

Entrevistador 1 – É. Dos três, do Observatório do Valongo, eles instalaram um e os outros dois estão encaixotados há três anos.

Entrevistador 3 – E esse que vem aí, que não serve para nada?

Entrevistador 1 – Segundo ele.

Entrevistadora 1 – Tem um microscópio eletrônico no Jardim Botânico também, não tem?

D.A. – Tem. Mas esse aí... Não, esse aí é uma pena, porque esse foi instalado pelo sujeito que é o nosso chefe de [**inaudível**] eletrônica. Foi importado por nós e foi levado para lá.

Esse sujeito é um sujeito extremamente meticuloso, como tem que ser um microscopista eletrônico, senão não funciona. É da maior meticulosidade. Se você acha que eu sou um sujeito... Isso não é nada! Isso é ridículo! Eu sou um abagunçado terrível. O sujeito é fantástico. Porque ele fez um estágio na Rockefeller com o Porter[15],que é um dos papas da microscopia eletrônica, então, o mínimo que ele fez... Ele trabalhava no Instituto de Óleos, lá perto do Maracanã, do Ministério da Agricultura. Ali perto do Museu do Índio. Ele trabalhava ali. Então, ele sempre foi um sujeito [**inaudível**] com microscopia, muito sério, muito honesto e tal. Sabe esse sujeito que toca cavaquinho no sábado? Ele é assim.

Então, ele se formou e foi para a Rockefeller e trabalhou com o Porter. Ele fotografou... Eu vi. Quando ele voltou, ele me mostrou. Ele fez um álbum que era o laboratório do Porter fotografado de todos os ângulos. Ele fotografou tudo. Ele chegou aqui, deram a ele um prédio no Jardim Botânico. Existia uma construção ali, mais perto do Jockey, em frente à geral do Jockey, existia uma construção inacabada. Tinha as paredes de alvenaria, no tijolo, o telhado, e pararam ali. Dentro não tinha divisão nenhuma. Ele foi lá... Eu fui com ele inclusive. É muito meu amigo. Eu fui com ele olhar. Deram para ele para instalar a microscopia eletrônica do Jardim Botânico. A gente sentou, fez a planta, mediu tudo. Então, fez um laboratório padrão, baseado no laboratório do Porter. Mas era tudo perfeito. Era perfeito aquilo. Sabe o sujeito que... Eu vou te contar um detalhe, para dar um exemplo: ele mediu a distância que havia da cadeira onde ele devia olhar no microscópio para o armário. “Porque aí, eu estando aqui, eu vou examinar, então eu vou precisar pegar não sei o quê, então, eu rodo, e a cadeira tem que girar...”. Ele rodava, para não ter que levantar. Ele rodava, então, o armário tinha que estar a tal distância porque ele puxava uma determinada gaveta e tirava... Esse detalhe, o detalhe da distância de 13,8 centímetros, para poder tirar, puxar no escuro... Essas coisas. Enfim, um detalhe extremo: o filtro deve estar a tal posição... Uma complicação.

Entrevistador 3 – E aí?

D.A. – Montou o laboratório. Está lá montado.

Entrevistador 3 – E ele saiu?

---

[15] O entrevistado refere-se a Keith Porter

D.A. – Não. Ele trabalhou lá etc. Depois houve uma complicação lá com ele, administrativa, e ele foi lá para o instituto. Atualmente, eu não sei se usam ou não. Mas, se não usam, é uma pena, porque o laboratório é uma jóia de laboratório. Ele trabalhou muito lá.

Entrevistadora 1 – Eu me lembro que eu sempre ouvi essa conversa de que ninguém estava trabalhando mais lá.

Entrevistador 3 – O laboratório pertencia ao Jardim Botânico? O microscópio pertencia ao Jardim Botânico?

D.A. – Ao Jardim Botânico. Ele fazia...

Entrevistador 3 – Isso é uma coisa que eu estou sempre querendo descobrir e não consigo. O Jardim Botânico tem uma atividade científica hoje em dia? Tem gente trabalhando lá hoje em dia?

D.A. – Tem. Tem o Milanez[16], que é o mestre desse Raul Machado[17], e tem um grupinho. Eles sempre apresentam trabalhos em congressos etc. Eu não entendo muito de botânica, mas eles apresentam muito trabalho de fisiologia vegetal, estruturas. Eu não sei julgar essa área, realmente não sei.

Entrevistador 3 – Mas tem atividade.

D.A. – Tem. Tem uma atividade não muito grande talvez, mas tem uma certa atividade. Talvez devesse ser incrementado, eu acho. Porque depois o Raul foi lá. Tem uma Unidade de Microscopia Eletrônica que é muito boa. É muito boa mesmo. Funciona muito. É extraordinariamente útil lá.

Entrevistadora 1 – Mas quando esse microscópio veio, eles já tinham necessidade?

---

[16] Refere-se a Fernando Romano Milanez.

[17] Refere-se a Raul Dodsworth Machado

D.A. – O primeiro, não é?

Entrevistadora 1 – Não, o do Jardim Botânico. Ou esse foi uma das excrescências?

D.A. – Não, não. Foi pedido.

Entrevistadora 1 – O Chagas fala muito em fetichismo do material.

D.A. – Fetichismo do equipamento. Isso é uma expressão do Chagas, fetichismo do equipamento. Ele tem toda razão, porque um dos microscópios... Naquela época, saiu no jornal o microscópio eletrônico e um catedrático qualquer vinha aqui... “Como é que eu não tenho esse microscópio?!”. Então o cara mandava vir um microscópio eletrônico, sem saber o que era, realmente sem saber o que era. O resultado disso é que em uma das vezes que eu fui ao porão da Praia Vermelha... Lá tinha um porão fantástico! Tinha o diabo naquele porão lá! [risos] Então a gente de vez em quando ia ao porão. Quem vivia ali o dia inteiro, como nós, pegava a chave do porão e ia lá ao porão. E encontramos um microscópio eletrônico, um pedaço de microscópio eletrônico lá embaixo, no porão – é incrível, não é? –, que veio para uma das cadeiras da Faculdade de Medicina, mas aí o sujeito verificou que era impossível trabalhar, porque é um negócio altamente sofisticado, requer uma manutenção incrível, uma tecnologia... Tem que ter um técnico, um sujeito que entenda daquilo, senão não funciona. Se fosse um microscópio... Achou que era um microscópio que você aperta um botão e acende a luz e você olha. Sabe aquela coisa? Então, não é possível. É um erro primário. E aconteceu isso. Isso é a realidade nossa. Foi para o Rio Grande do Sul, foi não sei para onde e, evidentemente, não funcionou nunca, não é? Agora, o nosso funcionou 16 anos ininterrupta... Quer dizer, parava, quando quebrava o motor, e aí consertava etc. Mas funcionou durante 16 anos. Agora está na Paraíba.

[FINAL DO ARQUIVO 1114_DARCY_DE_ALMEIDA_02a_29.09.1976]

D.A. – ...relatórios etc. é o seguinte, é que as pressões que eles se impunham na biofísica eram da introdução de modernas técnicas de biologia e medicina. Então o instituto foi a primeira área aqui com microscópio eletrônico. Não no Brasil, mas aqui, porque já tinha em Manguinhos e tinha no Butantan, eu acho. O do Butantan veio primeiro. Enfim, microscopia eletrônica, eletroforese, ultracentrifugação, cromatografia... Todos métodos que nós desenvolvemos... Radioisótopos. Foram métodos que nós desenvolvemos pioneiramente. Não os primeiros, mas

pelo menos um dos primeiros a usar e introduzir e aplicar. E aplicar! Esse problema, eu também acho muito interessante. Eu acho que a gente deve ter sempre uma ligação... Você perguntou qual é a relevância disso, e eu esqueci disso. Eu acho que nós devemos sempre aplicar o **arroubo** do nosso conhecimento no meio, no meio ambiente.

Entrevistadora 1 – Mas isso eu acho engraçado, porque todas as instituições que têm uma produção em biologia estão ligadas a esse discurso nacionalista, à preocupação com o conhecimento, com o uso biológico, o uso da biofísica. O negócio do Chagas é permanente. Ele está o tempo todo falando nisso, e Manguinhos tem sempre isso. Não é nunca uma coisa...

D.A. – Não, deve ter uma área. Eu também acho isso, que deve ter.

Entrevistadora 1 – Ele fala sem parar. O trabalho de conscientização dele é muito engraçado, porque ele escreve para jornal – tem uma série de artigos dele –, na Rádio Ministério da Educação, por dois anos, ele faz palestras quinzenais na Rádio Ministério da Educação...

D.A. – Semanais.

Entrevistadora 1 – Semanais?

D.A. – Eram semanais.

Entrevistadora 1 – Eu achei que eram quinzenais. E escreve para deputados, escreve para tudo quanto é... É uma coisa muito engraçada. Até para *O Dia*. Tem uma série de entrevistas para *O Dia*.

D.A. – É por causa do Chagas Freitas.

Entrevistadora 1 – Era a ligação com o Chagas Freitas? É um [**inaudível**] fantástico. E sempre essa coisa do Brasil, Brasil, das catarses, da nacionalidade, e a coisa da família, continuar a profissão paterna e do irmão, o irmão morto, [**inaudível**].

D.A. – Mas eu estou me referindo também ao fato de nós atuarmos em outras áreas, assim, de relevância imediata. Para nós, seria a área médica. Então o instituto mantém, já há dezenas de

anos, uma relação direta com a área clínica, por exemplo. Nós temos uma Unidade de Radioisótopos que faz pesquisa sobre tireóide lá...

Entrevistadora 1 – Sobre tireóide?

D.A. – É, lá no Hospital Moncorvo Filho. Funciona até hoje lá. Temos uma área de citogenética humana, com o José Carlos Cabral de Almeida, que funciona até hoje e faz pesquisa eminentemente clínica.

Entrevistador 3 – [**Inaudível**]?

D.A. – Citogenética. Quer dizer, isso é também uma outra coisa. Mas eu acho isso muito relevante. Há pouco tempo, na semana passada, eu estive apresentando esse problema lá no nosso conselho e eu dizia isso. Eu acho que esse tipo de trabalho é altamente relevante para o instituto, não só do ponto de vista prático como do ponto de vista político. É importante você ter uma área que você contribua diretamente para a comunidade de alguma forma, aplicando isso. Por menor que seja, no fim, tem uma relevância no nosso trabalho. E essa área tem que ser cultivada e, se possível, ampliada. Eu sou muito a favor disso. Essa ideia, essa noção do cientista, de que é um cara absolutamente fora da realidade, que fica imaginando coisas que não existem, isso é um negócio incrível, é de segunda categoria. É isso que é de segunda classe.. [risos]

Entrevistadora 2 – Darcy, você podia explicar um pouco mais como é que funciona o instituto? Porque eu não estou conseguindo visualizar bem o que é o instituto em termos de atividade, se é pesquisa e, ao mesmo tempo, é ensino, e como é que funcionam essas pessoas, se as equipes se formam temporariamente e quanto tempo...

Entrevistador 2 – O organograma que você quer saber, a estrutura?

Entrevistadora 2 – É.

D.A. – Antigamente, o instituto era o Chagas. Então, a gente não sabia como... As coisas apareciam, se produziam, se materializavam através do Chagas. Tudo era feito através do Chagas. Ele representava o instituto em todos os locais e em todos os lugares e em todos os

momentos. Havia uma mistura muito grande entre o indivíduo e a instituição. Então, há alguns anos atrás, eu me apercebi do seguinte, que isso era um negócio muito ruim, porque, em um país como o nosso, no momento que você estabelece essa identidade, se o indivíduo desaparece, a instituição vai atrás, é lógico. Então era muito importante desvincular uma coisa da outra. E, felizmente, isso aconteceu espontaneamente. O Chagas, em virtude de suas incumbências e ocupações, ele foi se desvinculando materialmente do instituto, então, deixou... Ele foi fazer uma coisa, foi fazer outra e acabou não podendo mais acumular o cargo de diretor e saiu de diretor. Isso já tem alguns anos. Já tem, sei lá, oito... Foi desde 1966 talvez, quando ele foi nomeado para a Unesco. Desde esse tempo, ele realmente começou a se desvincular do instituto.

Ora, isso foi muito importante pelo seguinte, em primeiro lugar, a imagem do Chagas foi dissociada da imagem do instituto e, portanto, o instituto teve oportunidade de se reafirmar como uma instituição em si e não como a versão jurídica de uma pessoa. E é muito importante que o Chagas ainda esteja circulando nos meios biomédicos concomitantemente com o instituto, embora sejam duas coisas dissociadas. Então, ótimo! Eu acho isso perfeito. Foi uma coisa muito favorável que nos aconteceu. Porque agora não tem nada a ver uma coisa com a outra: temos um diretor diferente etc.

Em segundo lugar, porque isso deu oportunidade que se instituíssem novos métodos de administração. Eu não estou fazendo crítica nenhuma, mas, apenas, as coisas têm que ser renovadas e substituídas com o correr do tempo.

Atualmente, então, o instituto tem uma organização que é inteiramente diferente da do Chagas: o Chagas centralizava muito e agora nós estamos procurando descentralizar. Então, nós temos uma diretoria, em que há um diretor, que é o Eduardo Penna Franca, e eu sou o diretor substituto, e nós temos quatro departamentos, que, na realidade, não têm existência legal. Isso que é curioso. Porque nós somos um órgão suplementar da universidade e, como tal, não podemos ter departamento. Para ter departamento, você precisa ser unidade. Mas isso não tem problema. Para funcionamento interno, você pode chamar do que você quiser. Isso não tem [**inaudível**] oficial, mas funciona como tal.

Agora, há várias características muito curiosas do instituto. Em primeiro lugar, sendo um órgão suplementar, o instituto funciona como uma entidade de pesquisa. O Instituto de Biofísica é um órgão suplementar...

Entrevistador 3 **–** É ligado à Faculdade de Medicina?

D.A. – ...da universidade, exatamente. É um órgão suplementar da universidade.

Entrevistador 3 – Mas não é da Faculdade de Medicina?

D.A. – Não. Não tem nada a ver. É da Universidade Federal do Rio de Janeiro, *como instituição de pesquisa*. Agora, tem uma atividade didática. Na atividade didática, ele é o Departamento de Biofísica e Fisiologia do Instituto de Ciências Biomédicas, que é uma das unidades da universidade, do Centro de Ciências da Saúde. Quer dizer, pedagogicamente, ele é filiado ao instituto de Ciências Biomédicas, no qual representa e exerce as funções do Departamento de Biofísica e Fisiologia. Mas o Departamento de Biofísica e Fisiologia, na realidade, é o Instituto de Biofísica. Todos nós que somos do instituto, que estamos lotados no instituto exercemos funções didáticas no departamento. Eu acho um pouco complicado para quem não está habituado, mas, enfim, é assim que funciona, nessa ambiguidade.

Agora, as funções didáticas são exercidas em dois planos: no nível de graduação, nós damos toda a parte de biofísica e fisiologia, quer dizer, duas disciplinas, a toda a área biomédica do Centro de Ciências da Saúde, quer dizer, compreende medicina, odontologia, enfermagem, educação física, nutrição... toda essa área biomédica, as duas disciplinas: biofísica e fisiologia. E damos, também, biofísica em nível de pós-graduação – mestrado e doutorado.

Agora, em nível de pesquisa, aqui nós temos os quatro departamentos, que são, talvez por antiguidade: o Departamento de Biologia Molecular; o Departamento de Radiobiologia; o Departamento de Circulação e Biomecânica; e o Departamento de Neurobiologia. Então, aí você vai ver que biofísica é um negócio, realmente, muito flexível, não é? Não é um negócio rígido. A biofísica... Neurobiologia, por exemplo, é... Circulação e biomecânica é muito mais fisiologia do que biofísica, não é? Você vê que abrange tudo. Isso foi uma coisa muito boa no Chagas, ele não respeitou fronteiras. Ele [**inaudível**] o Instituto de Biofísica... "Dane-se! Vamos fazer um instituto... vamos fazer bioquímica aí. Monta um laboratório de bioquímica. Vamos embora! Toca para frente!" Isso é muito bom. Eu também achei muito bom isso, de favorecer o desenvolvimento da coisa.

Então, do ponto de vista de pesquisa, nós temos esses quatro departamentos, que são organizados em laboratórios. Quer dizer, a unidade funcional do instituto é o laboratório. Então, cada departamento tem cerca de cinco ou seis laboratórios. É dividido em cinco ou seis laboratórios, cada um com um chefe. E unidades? Unidade, nós chamamos aqueles laboratórios que prestam serviços de ordem comunitária: são utilizados por qualquer um. Por exemplo, Microscopia Eletrônica é uma unidade; não é um laboratório. Porque apesar de ter um problema

próprio que é escolhido por eles, de pesquisa etc., ele também atende as necessidades de todos os programas de pesquisa de todo o instituto. Porque, evidentemente, se eu estou no Laboratório de Fisiologia Celular e tenho um problema que deve ser estudado ao nível de microscopia eletrônica, não tem sentido eu comprar um microscópio eletrônico e instalar para fazer... Não é verdade? Então eu recorro àquela unidade, que me atende perfeitamente, faz o estudo que tem que fazer e pronto.

Entrevistador 3 – O instituto tem quanta gente hoje?

D.A. – Ah, eu não saberia responder, não. Mas contando tudo, o pessoal administrativo, o pessoal técnico, o pessoal auxiliar, serventes, o pessoal docente, estagiários... Não, estagiário, eu já não conto. Mas o pessoal docente etc., eu acho que deve estar em torno de 150 pessoas.

Entrevistador 3 – Dos quais, metade seria o pessoal acadêmico, digamos?

D.A. – O pessoal docente? É, pessoal docente, talvez tenha cerca de... É, por volta de 80 pessoas mais ou menos que eu calculo. Isso é fácil de levantar.

Entrevistador 3 – É, mas já é uma massa razoável, não é?

D.A. – Ah, é uma massa bem razoável, sem dúvida. É uma massa bem razoável.

Entrevistadora 1 – Agora, o problema do crescimento. Vocês se impuseram um limite de crescimento?

D.A. – Não.

Entrevistadora 1 – Porque outro dia, eu não sei se foi você ou o Carlos que estava dizendo que muita gente gostaria de voltar para lá e que vocês gostariam de ter, mas que não têm condições. Dos pós-graduados. Porque algumas pessoas vão para os estados de origem, depois não se adaptam e querem voltar, mas aí fica um certo impasse, porque não tem condições de absorver.

D.A. – Certo. Isso é verdade. Nós temos uma limitação, tanto física, porque lá...

Entrevistadora 1 – A física chegou ao máximo?

D.A. – Está praticamente saturado. Porque não tem mais espaço. Quer dizer, ocupamos toda a área disponível, não é?

Entrevistadora 1 – Ou é também uma política, quer dizer: "Não queremos ultrapassar porque isso vai..."?

D.A. – Não, nunca foi fixada essa política. Isso nunca foi dito. Pelo contrário, nós estamos sempre procurando expandir.

Entrevistadora 1 – Porque descaracterizaria essa coisa que vocês falam tanto, de uma...

D.A. – Esse é um perigo. Eu acho...

Entrevistadora 1 – ...de um contato informal e uma...

D.A. – É. Já existe isso no Fundão. Porque o Fundão é, realmente, uma construção inteiramente desumana, não é? É desassociativa, porque você tem muito pouco contato com as pessoas. Eu passo, às vezes, dois meses ou três meses sem ver um colega meu. Porque são três andares, você chega... Não pode andar pelos corredores, porque vai ficar fazendo o quê pelos corredores? Na Praia Vermelha, se você ia tomar um café, encontrava com as pessoas. Era tudo muito... Era um clube de família, não é? [**Inaudível**]. Não era exatamente isso, mas, enfim, era uma espécie de grupo familiar, aquela coisa pequena. Podia ser contido num espaço físico. Mas lá não. Lá no Fundão, não dá. Sob esse aspecto, eu não gosto muito do Fundão, não. Agora, sem dúvida, oferece muito melhores condições de trabalho do que a Praia Vermelha, porque era tudo adaptado: tinha um jirau que a gente construía, um negócio precário, e perigoso inclusive, bem perigoso. Podia acontecer um desastre lá. Era tudo muito improvisado. Isso não podia persistir. Era uma situação insustentável, na Praia Vermelha.
Isso, no Fundão, está muito melhorado, mas nós já temos o espaço todo saturado lá. A gente procura... É indispensável renovar os quadros. Felizmente, essas novas gerações têm elementos muito bons. Especialmente em certas áreas, têm elementos de primeira ordem. Especialmente da área médica, outra vez. Quer dizer, renovou e agora tem muita gente da área médica. Por quê? Porque, realmente, já existe uma possibilidade de você sobreviver em termos razoáveis.

Mas por quê? Não através da universidade em si, mas através do surgimento desse outro fenômeno que é o das agências financiadoras. É aquele outro aspecto que eu acho muito... O Chagas não acha muito, não, mas eu acho que aí ele não tem muita razão. Porque o surgimento das agências financiadoras da pesquisa foi fundamental no progresso e no estabelecimento do instituto como uma entidade...

Entrevistadora 1 – Ele nega muito isso, o Chagas.

D.A. – Não, eu acho que aí ele não tem razão. Eu discordo fundamentalmente do Chagas. Porque isso é muito marcado, muito nítido. Sem o BNDE ou Finep e essa coisa não haveria a menor possibilidade de você chegar aonde você chegou.

Entrevistadora 1 – Não, quer dizer, não é que ele negue. Ele acha que você não pode esperar. É em relação ao tempo, inclusive. Quer dizer, um dinheiro investido hoje vai dar resultado daqui a 20 anos.

D.A. – Não, está certo.

Entrevistadora 1 – Quer dizer, que não seria muito produtivo você pegar essa linha para identificar...

D.A. – Mas eu acho que seria produtivo você identificar a capacidade de sobrevivência do instituto em função do advento desses financiamentos, sem dúvida nenhuma. Houve um momento crítico. Eu me lembro, quando nós estávamos lá, eu era coordenador e estava o Eduardo Penna Franca como diretor, nós chegamos a um ponto de dizer: “Olha, como é que o instituto vai sobreviver no ano que vem? Não tem dinheiro. Como é que vai ser?”.

Entrevistador 3 – Agora, esse negócio de viver de ano a ano... Porque [**inaudível**] inclui isso, tem que estar sempre...

D.A. – Exato. Três anos, ou dois anos.

Entrevistador 3 – E deve ter um custo muito alto esse negócio, não é?

D.A. – Tem um custo altíssimo.

Entrevistador 3 – E uma instabilidade muito grande também?

D.A. – É. Quer dizer, eu acho que agora, aos poucos a gente vai... Por exemplo, no momento, o nosso contrato, o contrato vigente com o BNDE termina em dezembro.

Entrevistadora 1 – E os contratos são por laboratório, por departamento...?

D.A. – Não, os contratos institucionais, fora os de laboratório.

Entrevistadora 1 – Mas vocês não têm, também, específicos do laboratório?

D.A. – Temos. Tudo que pode ser feito, nós temos. [riso]

Entrevistador 3 – Tudo que tem direito.

D.A. – Pode ficar tranquila. Tudo que pode fazer, nós fazemos. Pode ficar certa disso.

Entrevistador 3 – Tudo que tem direito.

D.A. – É. Descobre-se tudo. Nós tínhamos as bolsas mais incríveis, os financiamentos mais incríveis, que você viu naquela relação. Quando você vê os agradecimentos, você vê de onde vem o dinheiro. [riso] Você quer saber de onde vem o dinheiro? Pega um artigo e lê os agradecimentos, aí você sabe de onde vem o dinheiro. É desde Guilherme Guinle até as companhias particulares e internacionais mais estranhas do mundo.
Aliás, eu descobri isso em uma nota no jornal. Um dia eu estava lendo o jornal... Agora eu posso falar porque é público, mas durante meses eu mantive esse segredo. Um dia, eu estava lendo o jornal aqui em casa e vi uma notinha assim: “O Banco do Brasil...”, uma conversa de Banco do Brasil. E, no final da nota, nas três últimas linhas, dizia o seguinte, que o Banco do Brasil resolveu reservar 2% do seu lucro líquido para instituir um Fundo de Incentivo à Pesquisa Científica e Tecnológica. Eu recortei essa notícia, fui ao Banco do Brasil, estabeleci um contato lá e descobri que, realmente, eles estavam fazendo isso, fazendo um Fundo de Incentivo à Pesquisa Científica e Tecnológica. “Pronto, temos outra fonte de financiamento.”

Falei com o Penna Franca, que era o diretor, e mantivemos isso em segredo durante meses. Fomos ao administrador lá, fizemos uma carta de intenção, entreguei na mão do sujeito, para garantir as nossas pretensões.

Entrevistadora 1 – E evitar a caça ao fundo.

D.A. – A competição, exatamente. Sem saber o que era. Não interessa. “Fundo de Incentivo à Pesquisa Científica? Estamos nisso, evidentemente, pesquisa técnica e científica. Então, nós temos que [**inaudível**] essa história”.

Entrevistadora 1 – Não havia dúvida, não é?

D.A. – Não havia dúvida. Nós estamos precisando desse dinheiro, sem dúvida nenhum. E muito dinheiro.

Entrevistador 3 – E saiu o dinheiro?

D.A. – Bom, agora foi constituído... [**Inaudível**] Conselho de Administração. Foi constituído e, em virtude de nós termos mandado essa carta de intenção, eles nos mandaram então o regulamento. Agora está se materializando a coisa. Então, hoje, inclusive, foi divulgado. Na reunião que nós tivemos hoje do conselho foi divulgado isso e todo mundo já sabe. É o Fipec, Fundo de Incentivo à Pesquisa Técnico-Científica, do Banco do Brasil. Agora, as áreas que eles financiam não são muito... Quer dizer, eles financiam muito, assim, estudos sobre pequenas indústrias, e administração, e coisa de agricultura e coisas desse tipo. Eu acho perfeito.

Entrevistador 3 – Coisa de economista.

D.A. – Coisa de economista. Agora, tem um item que diz o seguinte: “Áreas sociais, principalmente educação e saúde”. Pronto. Aí nós entramos. Principalmente educação e saúde. Em saúde, nós entramos. Em educação também. Mas, enfim, é possível fazer uma coisa dessas. Eu tenho a impressão... A nossa situação é a seguinte, é que as coisas não são estáveis, não são garantidas, mas se renovam de ano para ano, de dois em dois anos. Por exemplo, o BNDE vai acabar agora, e nós estamos com um pedido já solicitado à Finep. Ainda não saiu, mas é um pedido grande, com mais de três anos etc., para financiar a instituição inteira, um pedido

institucional. Os primeiros contatos foram favoráveis. Isso leva um certo tempo, uma certa discussão, debate para cá, debate para lá, o que fica, o que não fica. Mas, aparentemente, deve ser favorável. Se não for, vai ser uma catástrofe. Mas, enfim, espera-se que seja favorável.

Entrevistador 3 – A qualidade dos alunos que vocês recebem, tem havido um decréscimo de qualidade?

D.A. – Que tipo de aluno, de graduação ou...?

Entrevistador 3 – De pós-graduação.

D.A. – Em pós-graduação?

Entrevistador 3 – Eu queria te ouvir se o aluno de antes é melhor. Se, com a massificação da graduação, isso não ficou muito ruim e...

D.A. – Ah, certo.

Entrevistador 3 – ...a pós-graduação não consegue recrutar gente boa, com o nível de antes.

D.A. – Olha, eu acho que, na graduação, isso é muito verdade. Mas isso é uma verdade escandalosa. Dessas, assim... Eu não vou te... Quer dizer, se você me pedir um documento que comprove isso, eu não tenho.

Entrevistador 3 – Não, é a sua impressão.

D.A. – Exatamente. Mas a minha impressão é que é uma coisa gritante. Porque eu venho dando aula todo ano, durante 20 anos, e chega um momento que você percebe que a coisa está diferente, não é?

Entrevistador 3 – É o quê? O curso secundário é muito ruim? É isso?

D.A. – A causa eu não sei. Eu não saberia dizer.

Entrevistador 3 – Eles já entram ruins?

D.A. – Eles entram muito ruins.

Entrevistador 3 – E isso reflete na pós-graduação, também?

D.A. – Reflete na pós-graduação parcialmente, pelo seguinte: sempre, uma boa parte dos alunos que entram na pós-graduação é de alunos que são estagiários nossos e que, portanto, já estão treinados há alguns anos e que foram formados e, portanto, estão preparados para isso. Agora, os alunos que vêm de fora, realmente... Quando a gente faz a seleção, em fevereiro, é uma coisa lastimável. Realmente, caiu o nível nitidamente. A minha impressão, você quer a minha impressão, a minha impressão é de que o nível caiu.

Entrevistadora 1 – Mas é engraçado, aquele negócio que eu estava te falando das sacações do Chagas, desde 1950 mais ou menos, nessas coisas dele, ele está sempre insistindo na necessidade da educação no ensino primário e secundário, porque você não pode ter a intenção de formar cientistas se abrir mão da formação primária e secundária. É muito engraçado que...

Entrevistador 3 – E tem tudo a ver com isso.

Entrevistadora 1 – E é um negócio bastante... Quer dizer, de onde você vai recrutar as pessoas?

D.A. – É, exatamente.

Entrevistador – E não só isso, mas o aspecto que interessaria para a gente é: a boa escola secundária dá um bom mercado de trabalho para pessoas formadas nas ciências básicas, porque você forma professores. Então, você cria um mercado de trabalho que permite selecionar gente muito boa para o trabalho científico, na medida que você qualifica o ensino, a função de professor.

Entrevistadora 1 – Claro. Agora, você uma vez chamou a atenção para a história... Não só em nível de informação como o próprio nível de atividade mental das pessoas. O negócio de eles dizerem os maiores absurdos.

D.A. – É, isso é verdade. A passividade das pessoas atualmente é fantástica. E é muito recente. Porque... Ainda hoje eu vinha pensando nisso. É verdade que era uma turma especial etc. Mas, enfim, no início da década de 70, ainda havia turmas muito boas, sabe? E essas não se encontram mais. Acabaram completamente. Eram turmas muito atentas, muito ligadas no assunto. Você não podia descuidar que eles perguntavam e solicitavam. Atualmente – eu já fiz essa experiência várias vezes –, eu chego na aula e começo a explicar um assunto e aí começo a dizer os maiores absurdos e vou perguntando: “Não é mesmo? Não é mesmo?”. Vaca de presépio. Todo mundo. Aí eu... E a turma assim. Me dá uma irritação. Me dá um nervoso aquele negócio, aquelas pessoas todas fazendo assim e tal. Eu digo: “Mas, escuta, você não está vendo que é um absurdo o que eu estou dizendo? Por que é isso?”. E aí eu começo naquela provocação: “É porque eu estou investido da característica do professor e vocês de alunos que vocês não podem falar nada? Que absurdo!”. Mas é uma burrice minha, na realidade, porque eu dou aula para eles durante oito semanas e, durante oito semanas, vou querer reverter um processo que tem 18 anos? Não é possível. Mas é nítido. A queda de nível é nítida.
Antigamente, nós tínhamos dificuldade em selecionar entre os bons candidatos: “Será que nós vamos perder algum?”. Atualmente, nós temos dificuldade em depurar a coisa: “Quem é o menos ruim aqui?”. E sobram vagas, essa que é a realidade. Nós usamos de todos os artifícios para não pegar as pessoas que realmente não têm possibilidade. Acaba sobrando vaga. E vamos ter um problema ano que vem.

Entrevistador 3 – Há muitos candidatos, mas sobram vagas, é isso?

D.A. – É. E vamos ter um problema ano que vem, pelo seguinte: o instituto tem uma pós-graduação, e você tem um tempo de latência até começar a soltar as pessoas graduadas, certo? Para fazer os créditos, as teses etc., isso leva alguns anos. Demanda três anos mais ou menos para mestrado e uns cinco para doutorado. Significa que, durante os três primeiros anos, você vai absorver candidatos e não vai soltar ninguém, porque ninguém teve tempo de terminar as suas teses, certo? Depois, o sujeito atrasa um pouco etc. Agora, vai chegar um momento que você começa a acumular tanta gente que vai começar a sair mais do que entra. Nós estamos nesse período agora. Então, temos que atingir um estado de equilíbrio, um *stable state*: a quantidade que sai é igual à quantidade que entra. Leva alguns anos até chegar a esse ponto. Estamos chegando nesse ponto agora. Esse ano vai ser o ápice da saída. Esse ano, nós vamos produzir qualquer coisa como 25 teses, duas por mês. É um bocado de coisa.

Entrevistador 3 – No mestrado?

D.A. – Mestrado e doutorado, misturado. No total de teses, esse ano...

Entrevistador 3 – É muito.

D.A. – É. Mas nós temos, atualmente, no nosso curso de pós-graduação, nós temos cerca de 90 alunos. É um bocado de gente. Então, saem 25 esse ano, o que significa que tem uma queda drástica. Ano que vem já sai um outro grupo – sei lá, talvez 15 ou 20. Ora, isso vai começar a cair. Se nós agora não recebermos um número maior de indivíduos, daqui a três anos, o nosso curso vai cair a zero. Então, tem que interromper isso. Você tem que então manter uma produção de, sei lá, de um número *x* qualquer, que pode ser dez ou 20, de teses por ano, que corresponde ao número que vai sair, e então você toma um número igual que entre, para manter um equilíbrio. Então nós chegamos à conclusão que ano que vem nós vamos aceitar cerca de 20 candidatos, 20 alunos novos, e eu já estou prevendo uma grande dificuldade em selecionar esses sujeitos. Eu já estou prevendo isso.

Entrevistadora 2 – O laboratório funciona com duas pessoas?

D.A. – O meu?

Entrevistadora 2 – Não, um laboratório.

D.A. – Varia muito também. Varia muito. Geralmente, tem um chefe de laboratório; tem um segundo escalão, que são os pós-graduandos, o pessoal que está em trabalho de tese, que, realmente, é o mais capacitado; depois tem o terceiro escalão, que são os estudantes de graduação, estudantes de medicina de modo geral, ou de biologia; e os técnicos e auxiliares. A pirâmide é mais ou menos essa.

Entrevistador 3 – [**Inaudível**] hoje?

D.A. – Ah, por nós mesmos! Por aí. Por aí ou por nós mesmos. Isso não existe.

Entrevistadora 1 – O técnico dele foi jogador de futebol do Bonsucesso.

D.A. – O meu técnico foi meia-direita do Bonsucesso com **Gradinho** e Leônidas da Silva. Mas é excelente... Ele era vidreiro na época. Depois de ser jogador do Bonsucesso, ele foi vidreiro, muito capaz aliás, um artista, e atualmente é técnico de laboratório. É muito bom. Ele tem um grande senso de humor que eu admiro muito. De modo que eu prezo muito a presença do **Ernani**.

Entrevistadora 2 – O responsável pelo trabalho **da área técnica** assume os riscos todos. Porque, na verdade, são todos alunos, não é?

D.A. – É, exatamente, são todos alunos.

Entrevistadora 2 – Não há profissionais, fora o chefe.

D.A. – Em um ou outro laboratório, às vezes tem um assistente. Quer dizer, um sujeito que faz as vezes de assistente, um sujeito já graduado que também começa a fazer. Mas aí, imediatamente começa... É como o teatro no Brasil. É a mesma coisa que uma companhia teatral. Você fundou uma companhia teatral, a Tônia Carrero, o Paulo Autran... Daqui a pouco, o sujeito: "Vou fazer a minha companhia". E aí faz a companhia dele. Nunca tem um elenco de dez estrelas. Aí, o grupo se dissolve e faz logo dez companhias pequenas. É a mesma coisa no laboratório: você tem um sujeito, e quando aparece um outro, já vai fazer um laboratório ao lado.

Entrevistadora 2 – Agora, o corpo docente é constituído dos chefes de laboratório?

D.A. – É, os chefes e... No corpo docente, a gente inclui também, quando se trata de ensino de graduação, inclui também os pós-graduandos. Eles também têm uma carga didática, que corresponde aos créditos que eles têm que obter de didática. A gente usa isso. É um material humano do mais alto valor. É muito usado. A pós-graduação realmente modificou muito os hábitos do instituto, terrivelmente. Foi uma grande fonte de transformações.

[INTERRUPÇÃO DE GRAVAÇÃO]

Entrevistador 3 – ...de o instituto ficar fora da universidade nunca ocorreu, não, não é?

D.A. – Nunca. Ah, nem pensar! Ih! Anátema! Quer dizer, isso, realmente, nem pensar! Isso é a morte! É Manguinhos. Morre. É uma das razões. Eu estava conversando com a Maria Clara. Eu atribuo uma das razões para a morte de Manguinhos à desvinculação com qualquer entidade de ensino, e com a universidade especialmente.

Entrevistador 3 – Nunca houve nenhum movimento nesse sentido?

D.A. – A universidade é indispensável, é fator de renovação, de intercâmbio, de estímulo, de perpetuação.

Entrevistadora 1 – Ruim com ela, pior sem ela?

D.A. – Ah, sem dúvida. Isso eu não tenho a menor dúvida. Nem pensar. Antes a morte.

Entrevistadora 1 – Nunca chegou a interferir com a vida de vocês? O tal esclerosamento da universidade, essa coisa tão falada, nunca chegou a atrapalhar a vida de vocês?

D.A. – Pois é, isso atrapalha muito, mas você repara bem, o que nós dependemos da universidade é muito pouco, realmente muito pouco. O que a universidade nos dá é muito pouco. Em termos financeiros então, é ridículo.

Entrevistador 3 – Ela dá os salários.

D.A. – Dá os salários. Isso é fundamental. Dá os salários. Isso é verdade. Mas em termos financeiros da pesquisa em si, em termos de pesquisa, é praticamente zero. É mínimo. E em termos de ensino, também, o que eles oferecem de material... Nós temos que fazer artifícios enormes para poder manter o ensino no nível que nós pretendemos manter, e assim mesmo... e olhe lá! Isso tudo com... A desculpa é fantástica. Você chega na universidade... Porque é a tal história, é a duplicidade de funções do instituto: o instituto como uma entidade de pesquisa e o instituto como um departamento de ensino. Então, como departamento, você chega e diz: “Escuta, nós precisamos de material para ensino”. “Ah, o instituto não precisa porque é muito rico.” Você compreende? É o argumento que o sujeito usa. “Ah! Mas como vocês pediram essa verba?! O instituto é muito rico!” Sim, o instituto de pesquisa, e não de ensino de graduação,

porque aí nós somos uma parte da universidade e filiada lá. É muito difícil isso. A gente leva a fama, e aí tem que arcar com ela, não é? Mas, enfim, eu acho que é muito divertido.

Entrevistadora 2 – O Instituto de Bioquímica, esse negócio até hoje eu não entendi...

D.A. – De Bioquímica? Não existe Instituto de Bioquímica.

Entrevistadora 2 – Não, Departamento de Bioquímica?

D.A. – Tem um Departamento de...

Entrevistadora 2 – Que é o quê? Ele está em que nível?

D.A. – Ele faz parte do Instituto de Ciências Biomédicas. Ele não tem nada... É um departamento como outro qualquer.

Entrevistadora 2 – É da Faculdade de Medicina? A Faculdade de Medicina e o departamento...?

D.A. – Não, não é da Faculdade de Medicina. É do ciclo básico.

Entrevistadora 2 – É uma cadeira como outra qualquer?

D.A. – É um departamento.

Entrevistadora 2 – Um departamento equivale a uma cadeira?

D.A. – Não, não. Uma cadeira antiga é o que chama disciplina atualmente, grosso modo, não é? Quer dizer, você tem, por exemplo, o Departamento Ciências Morfológicas: engloba duas cadeiras antigas, a histologia e a anatomia, que eram cadeiras antigamente e agora são disciplinas. Eu acho mais exato chamar de disciplina. O Departamento de Biofísica e Fisiologia engloba as cadeiras antigas de biofísica e fisiologia, que eram separadas.

Entrevistadora 2 – Essa organização é complicada.

D.A. – É. Muito complicada e desagradável, também. Eu não gosto muito disso, não.

Entrevistador 2 – Eu acho que a gente podia, por hoje...

Entrevistadora 1 – Encerrar aqui.

[FINAL DO DEPOIMENTO]